



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
BACHARELADO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

A RELEVÂNCIA DO CONHECIMENTO INTERCULTURAL NA MEDIAÇÃO
INTERNACIONAL:
UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM LOUISE BANKS EM A *CHEGADA*

LÍVIA ABRAHÃO VICTOR

JOÃO PESSOA-PB

2025

LÍVIA ABRAHÃO VICTOR

A RELEVÂNCIA DO CONHECIMENTO INTERCULTURAL NA MEDIAÇÃO
INTERNACIONAL:
UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM LOUISE BANKS EM *A CHEGADA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal da Paraíba como requisito para conclusão do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais e como nota para disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rennally Soares da Silva

JOÃO PESSOA- PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V643r Victor, Livia Abrahao.

A relevância do conhecimento intercultural na
mediação internacional: uma análise da personagem
Louise Banks em a chegada / Livia Abrahao Victor. -
João Pessoa, 2025.
80 f. : il.

Orientadora: Maria Rennally Soares da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2025.

1. Cultura. 2. Interculturalidade. 3. Comunicação
Intercultural. 4. Mediação Internacional. I. Silva,
Maria Rennally Soares da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 339

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

**A RELEVÂNCIA DO CONHECIMENTO INTERCULTURAL NA MEDIAÇÃO
INTERNACIONAL:**

UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM LOUISE BANKS EM *A CHEGADA*

Elaborado por
LÍVIA ABRAHÃO VICTOR

Como requisito parcial para a obtenção do grau de BACHAREL EM LÍNGUAS
ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Rennally Soares da Silva - DMI/UFPB
Orientadora

Profa. Ms. Cláudia Caminha Lopes Rodrigues
Membro da banca examinadora

Prof Ms. Luis Pedro Fernandez Fernandez
Membro da banca examinadora

Prof. Dra. Gilmara Viviane Castor de Andrade.
Suplente

João Pessoa, 25 de abril de 2025.

FOLHA DE IDENTIFICAÇÃO

Instituição	UFPB – Universidade Federal da Paraíba
	Endereço: Prédio da Reitoria – Campus I - UFPB - Cidade Universitária - Cep: 58059-900 - João Pessoa – PB (Brasil) Site: < http://www.ufpb.br >
Dirigentes	Reitoria Reitora: Profa. Dra. Terezinha Domiciano Dantas Martins Vice- Reitora: Profa. Dra. Mônica Nóbrega Pró-Reitoria de Graduação (PRG) Pró-Reitora: Profa. Dra. Ana Claudia da Silva Rodrigues Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) Diretor: Prof. Dr. Rodrigo Freire de Carvalho e Silva Vice-Diretora: Profa. Dra. Thaís Augusta Cunha de Oliveira Máximo Departamento de Mediações Interculturais (DMI) Chefe: Profa. Dra. Camila Braga Vice-Chefe: Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI) Coordenador: Profa. Dra. Maria Rennally Soares da Silva Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Ana Carolina Vieira Bastos
Trabalho de Conclusão de Curso	A RELEVÂNCIA DO CONHECIMENTO INTERCULTURAL NA MEDIAÇÃO INTERNACIONAL: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM LOUISE BANKS EM A CHEGADA
Execução	Orientadora: Profa. Dra. Maria Rennally Soares da Silva Aluna: LÍVIA ABRAHÃO VICTOR

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, minha irmã e toda a minha família, que sempre apoiaram minhas escolhas e acreditaram que eu seria capaz, até quando eu mesma não acreditava. Foram eles que me deram forças para continuar e ofereceram palavras de conforto quando tudo parecia difícil. Sem o amor, o incentivo e a presença constante deles, eu jamais teria conseguido chegar tão longe.

Agradeço também aos meus amigos que me incentivaram o tempo todo e acreditaram na minha capacidade. Suas palavras de motivação fizeram com que esse processo ficasse mais leve e me deram confiança para continuar.

Expresso também minha gratidão aos meus colegas do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, que estiveram comigo ao longo desses anos. Todas as trocas que tivemos tornaram a experiência da graduação ainda mais rica e significativa.

Gostaria de manifestar minha gratidão a minha amiga e “duplinha” do curso, Izabely Kaline, por toda a paciência e ajuda durante a nossa caminhada acadêmica. Nossas conversas e brincadeiras tornaram a graduação muito mais leve, e seus incentivos e motivações me fizeram seguir em frente, mesmo nos momentos mais difíceis.

Agradeço profundamente ao corpo docente do curso de LEA-NI, por seus ensinamentos. Cada aula, orientação e diálogo contribuíram de maneira significativa para minha formação acadêmica e pessoal. Muitos dos conhecimentos transmitidos foram fontes de grande inspiração para a construção deste trabalho.

E por fim, deixo meus mais sinceros agradecimentos a Profa. Dra. Maria Rennally Soares da Silva, por ter aceitado o convite de me orientar nesse trabalho. Sua disponibilidade, paciência e dedicação foram cruciais nesse processo. Sua orientação foi essencial para que este trabalho tomasse forma, e sou profundamente grata por todo o apoio nessa jornada.

RESUMO

Em situações em que há interações entre culturas que falam línguas distintas, a compreensão da língua estrangeira é de extrema importância. Porém, somente o conhecimento linguístico não é o suficiente (Agar, 1994). Sem um conhecimento cultural, a interação se torna mais suscetível a mal-entendidos que podem ser prejudiciais em situações sensíveis como as de mediação de conflitos internacionais (Jayaswal, 2009). Assim, compreendemos que a falta de conhecimento intercultural nas interações internacionais, com ênfase na mediação internacional, dificulta o seu processo. Diante dessa problema, nos guiamos pela seguinte pergunta de pesquisa: “O quão relevante é a compreensão intercultural no processo de mediação internacional?”. Para respondê-la, tivemos como objetivo geral, neste trabalho de natureza qualitativa e bibliográfica, identificar a relevância da compreensão intercultural na mediação internacional, por meio da análise de diálogos do filme *A Chegada* (2016). Nele, a narrativa gira em torno do mundo após o surgimento de 12 naves extraterrestres em diferentes partes da terra e a tentativa de comunicação com os alienígenas que as habitam (Moreira, 2017). Utilizando a etnografia de tela, introduzida por Carmen Rial em 2004 (Colins; Lima, 2020), como método de análise, analisamos diálogos previamente coletados e selecionados, em um diário de campo, acerca do referido filme. Sendo assim, o presente trabalho reflete sobre a relação intrínseca entre a língua e cultura, além de também discutir sobre as teorias da comunicação intercultural, a mediação internacional e o cinema como objeto de análise, tendo como base teórica autores como Agar (1994), Barna (1994), Canclini (2004), dentre outros. A partir do filme, serão analisadas as ações da personagem Louise Banks no processo de comunicação e mediação com os alienígenas que habitam essas naves, fazendo um comparativo com a sociedade atual. Através do exemplo cinematográfico, foi destacado que o conhecimento intercultural de Louise a diferenciou dos demais linguistas, fazendo-a se comunicar com eficácia com os alienígenas e os demais humanos envolvidos na situação, evitando conflitos. Traçando um paralelo entre o perfil de personagem Louise e o perfil do egresso do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, podemos chegar à conclusão de que Louise Banks seria um exemplo de um profissional formado no curso, além de evidenciar a importância dele, no mundo atual.

Palavras-Chave: *A Chegada*, Cultura, Interculturalidade, Comunicação Intercultural, Mediação Internacional

ABSTRACT

In situations where there are interactions between cultures that speak different languages, the understanding of foreign languages is extremely important. However, linguistic knowledge by itself is not enough (Agar, 1994). Without cultural knowledge, interactions become more susceptible to misunderstandings that can be detrimental in sensitive situations such as international conflict mediation (Jayaswal, 2009). Therefore, we understand that the lack of intercultural knowledge in international interactions, with an emphasis on international mediation, hinders this process. In view of this problem, we were guided by the following research question: "How relevant is intercultural understanding in the process of international mediation?". In order to answer this question, the general objective of this qualitative and bibliographical study was to identify the relevance of intercultural understanding in international mediation, by analyzing dialogues from the film *Arrival* (2016). In the movie, the plot revolves around the world after the appearance of 12 alien spaceships in different parts of the Earth and the attempt to communicate with the aliens who inhabit them (Moreira, 2017). Using screen ethnography, introduced by Carmen Rial in 2004 (Colins; Lima, 2020), as our method of analysis, we analyzed previously selected dialogues about the film in a field diary. This research reflects on the intrinsic relationship between language and culture, as well as discusses intercultural communication, international mediation theories and cinema as an object of analysis. Based on authors such as Agar (1994), Barna (1994), Canclini (2004), among others. The actions of the character Louise Banks in the process of communication and mediation with the aliens who inhabit the ships were analyzed, compared to society nowadays. The results from the cinematic example, emphasize that Louise's intercultural knowledge set her apart from the other linguists, allowing her to communicate effectively with the aliens and the other human beings involved in the situation, avoiding conflict. By drawing a parallel between the profiles of Louise and the Foreign Languages Applied to International Negotiations -FLAIN graduates, we can come to the conclusion that Louise Banks would be an example of a FLAIN professional, it is also possible to highlight the importance of the FLAIN course in today's world.

Keywords: *Arrival*, Culture, Interculturality, Intercultural Communication, International Mediation

RESUMEN

En situaciones en que se establecen interacciones entre culturas que hablan lenguas distintas, la comprensión de la lengua extranjera es de extrema importancia. Sin embargo, solo el conocimiento lingüístico no basta (Agar, 1994). Sin el conocimiento cultural, la interacción es más susceptible de malentendidos que pueden ser perjudiciales en situaciones delicadas como la mediación de conflictos internacionales (Jayaswal, 2009). Por consiguiente, comprendemos que la falta de conocimiento intercultural en las interacciones internacionales, con énfasis en la mediación internacional, dificulta el proceso. Ante este problema, nos guiamos por la siguiente pregunta de pesquisa: ¿Cuál es la relevancia de la comprensión intercultural en el proceso de mediación internacional?. Para responder a esta pregunta, el objetivo general de este estudio cualitativo y bibliográfico fue identificar la relevancia de la comprensión intercultural en la mediación internacional analizando diálogos de la película *La Llegada* (2016). En la película, la narración gira en torno al mundo tras la aparición de 12 naves extraterrestres en diferentes partes de la tierra y el intento de comunicarse con los alienígenas que las habitan (Moreira, 2017). Utilizando como método de análisis la etnografía de pantalla, introducida por Carmen Rial en 2004 (Colins; Lima, 2020), analizamos diálogos de la película previamente colectados y seleccionados en un diario de campo. Como tal, este trabajo reflexiona sobre la relación intrínseca entre lengua y cultura, además de discutir las teorías de la comunicación intercultural, la mediación internacional y el cine como objeto de análisis, a base de autores como Agar (1994), Barna (1994), Canclini (2004), entre otros. A partir de la película, se analizará la actuación del personaje Louise Banks en el proceso de comunicación y mediación con los alienígenas que habitan estas naves, haciendo una comparación con la sociedad actual. A través del ejemplo de la película, se destaca que los conocimientos interculturales de Louise la diferencian de otros lingüistas, permitiéndole comunicarse eficazmente con los alienígenas y con los demás humanos implicados en la situación, evitando conflictos. Haciendo un paralelo entre el perfil del personaje de Louise y el perfil del graduado del curso de Lenguas Extranjeras Aplicadas a las Negociaciones Internacionales, podemos llegar a la conclusión de que Louise Banks sería un ejemplo de profesional graduado del curso, además de destacar su importancia en el mundo actual.

Palabras clave: *La Llegada*, Cultura, Interculturalidad, Comunicación Intercultural, Mediación Internacional

RÉSUMÉ

Dans les situations d'interaction entre des cultures qui parlent des langues différentes, la compréhension de la langue étrangère est extrêmement importante. Toutefois, les connaissances linguistiques ne se suffisent pas à elles-mêmes (Agar, 1994). Sans connaissances culturelles, l'interaction est plus susceptible de générer des malentendus qui peuvent être préjudiciables dans des situations sensibles comme la médiation des conflits internationaux (Jayaswal, 2009). Par conséquent, nous comprenons que le manque de connaissances interculturelles dans les interactions internationales, en particulier dans le contexte de la médiation internationale, est un obstacle au processus. Face à ce problème, nous avons été guidés par la question de recherche suivante: "Dans quelle mesure la compréhension interculturelle est-elle pertinente dans le processus de médiation internationale?" Pour répondre à cette question, l'objectif général de cette étude qualitative et bibliographique était d'identifier la pertinence de la compréhension interculturelle dans la médiation internationale en analysant des dialogues du film *Premier Contact* (2016). Dans ce film, le narratif tourne autour du monde après l'apparition de 12 vaisseaux spatiaux extraterrestres dans différentes parties de la terre et la tentative de communiquer avec les extraterrestres qui les habitent (Moreira, 2017). En utilisant l'ethnographie de l'écran, introduite par Carmen Rial en 2004 (Colins ; Lima, 2020), comme méthode d'analyse, nous avons analysé des dialogues préalablement recueillis et sélectionnés à propos du film dans un journal de terrain. En ce sens, ce travail réfléchit à la relation intrinsèque entre la langue et la culture, et discute des théories de la communication interculturelle, de la médiation internationale et du cinéma comme objet d'analyse, en se basant sur des auteurs tels que Agar (1994), Barna (1994), Canclini (2004), entre autres. Sur la base du film, les actions du personnage de Louise Banks seront analysées dans le processus de communication et de médiation avec les extraterrestres qui habitent ces vaisseaux, en faisant une comparaison avec la société d'aujourd'hui. L'exemple du film montre que les connaissances interculturelles de Louise la distinguent des autres linguistes et lui permettent de communiquer efficacement avec les extraterrestres et les autres humains impliqués dans la situation, évitant ainsi des conflits. En faisant un parallèle entre le profil de Louise et le profil du diplômé du cours de Langues Étrangères Appliquées aux Négociations Internationales, nous pouvons conclure que

Louise Banks est un exemple de professionnel diplômé de ce cours, et mettre en évidence son importance dans le monde d'aujourd'hui.

Mots-clés: *Premier Contact*, Culture, Interculturalité, Communication interculturelle, Médiation Internationale

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LEA-NI	Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais
FLAIN	Foreign Languages Applied to International Negotiations
ONU	Organização das Nações Unidas
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PPC	Projeto Pedagógico do Curso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cartaz do filme <i>A Chegada</i>	45
Figura 2 - Língua dos <i>Heptapods</i>	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diálogo 1.....	51
Quadro 2 - Diálogo 2.....	51
Quadro 3 - Diálogo 3.....	52
Quadro 4 - Diálogo 4.....	53
Quadro 5 - Diálogo 5.....	53
Quadro 6 - Diálogo 6.....	55
Quadro 7 - Diálogo 7.....	56
Quadro 8 - Diálogo 8.....	57
Quadro 9 - Diálogo 9.....	58
Quadro 10 - Diálogo 10.....	59
Quadro 11 - Diálogo 11.....	60

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	16
2- REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
2.1 Língua e Cultura: Uma Relação Indissociável.....	22
2.2 A Comunicação Intercultural Como Meio Para Evitar Conflitos.....	26
2.3. Mediação Internacional.....	31
2.4. O Cinema Como Objeto de Análise.....	37
3- METODOLOGIA.....	40
3.1 Natureza da Pesquisa.....	40
3.2 Análise de Dados.....	42
4- ANÁLISE E DISCUSSÕES.....	43
4.1. <i>A Chegada</i> Como um Espelho Para a Realidade.....	43
4.2. A personagem Louise Banks Como Mediadora Internacional.....	48
4.3. A Importância da Competência Intercultural na Mediação e na Negociação Internacional	62
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
6- REFERÊNCIAS.....	72

1 INTRODUÇÃO

“A língua é a base da civilização. É a cola que mantém as pessoas unidas e é a primeira arma usada em um conflito. ” (A *Chegada*, 2016, 0:16:22 – 0:16:30. Traduzido pela autora¹). Essa é uma das falas de mais destaque do personagem Ian Donnelly no filme *A Chegada*, obra de ficção científica sobre a visita de extraterrestres à Terra, lançada em 2016, citando o trabalho da protagonista, a Professora Louise Banks, que diz logo depois que essa é uma frase que ela coloca no início de suas pesquisas de linguística, com o objetivo de manter o leitor interessado. Sendo uma frase de impacto ou não, a citação enfatiza um dos pontos evidenciados neste trabalho, a saber: a relevância e a polissemia da língua, além da sua relação intrínseca com a sociedade que a utiliza.

De fato, pode-se entender que a língua é o reflexo das atitudes e das crenças de seus falantes, ou seja, se um falante identifica a si próprio e outros através da língua, ela se tornará um símbolo da sua identidade social (Kramsch, 1998). A partir dessa afirmação podemos ressaltar a importância de uma compreensão que vá além da mera competência linguística, uma vez que para compreender a língua de seus falantes, temos que também compreender sua cultura, visto que elas estão intrinsecamente ligadas (Sapir, 1921).

Assim, podemos definir a cultura como diferentes tipos de sistemas de modelos ou conhecimentos sobre como o mundo funciona e a construção de realidade que ele cria e que será compartilhada pelos membros de uma sociedade (Mitchell, 2006). Essa realidade formada pela cultura em que o ser humano foi inserido, não apenas molda seus pontos de vista e crenças, como também o limita (Mitchell, 2006). De fato, Marjorie Mitchell afirma que “Todos os seres humanos são prisioneiros de sua cultura” (Mitchell, 2006, p. 2), isto é, o ser humano está tão profundamente envolvido nos valores da cultura em que foi inserido, que esses valores influenciam a forma como pensam e interagem entre si.

Essa cultura limitante faz com que o ser humano apresente uma tendência a assumir que todos os outros seres humanos agem da mesma maneira, pois apresentam as mesmas necessidades básicas (Barna, 1994), isso o leva a apresentar

¹ Texto original: “*Language is the Foundation of civilization. It is the glue that holds people together, and it is the first weapon drawn in a conflict.*” (A *Chegada*, 2016)

dificuldades em transcender barreiras culturais quando está inserido em situações em que ele precisa interagir e se comunicar com outra cultura.

Ainda nesse contexto, as barreiras na comunicação intercultural não podem ser vistas de maneira leviana, visto que a comunicação está presente e se desenvolve em todo o espaço da vida social (Ramos, 2001). Somado a isso, com o avanço da globalização, o aumento das migrações, o crescente multiculturalismo e os contínuos conflitos internacionais, os encontros e interações entre culturas diversas tornaram-se uma parte essencial de nosso contexto social, econômico e político (Ramos, 2001), ou seja, atualmente as pessoas se encontram frequentemente em situações de intercâmbio intercultural, seja de maneira direta ou indireta (Argyle, 1982), portanto se torna essencial uma comunicação respeitosa e efetiva.

Sobre esse assunto, é colocado em evidência neste trabalho um dos tópicos que leva as interações interculturais levantados por Ramos (2001), a saber: os conflitos internacionais. Os conflitos locais, nacionais e internacionais, marcaram a história humana (Vasconcelos et al., 2023), trazendo prejuízos imensuráveis e duradouros. Em razão dessas consequências, os estados procuraram estabelecer acordos de paz entre os países envolvidos nos conflitos a fim de evitar novos confrontos. Após a Segunda Guerra Mundial foi criada a Organização das Nações Unidas – ONU, uma organização internacional que reúne países com o objetivo de promover a paz, a cooperação e o desenvolvimento mundial (Rodrigues; Nere; Souza, 2023).

De acordo com a Carta das Nações Unidas (1945), documento que originou a ONU, o propósito da Organização é trabalhar para desenvolver meios de resolução pacífica e garantir que eles sejam usados antes de qualquer meio não pacífico. Um desses meios de resolução pacífica de problemas é a mediação, caracterizada como um processo onde uma terceira pessoa que, com consentimento, auxilia as partes a prevenir, gerir e resolver um conflito (ONU, 2012).

Através de uma abordagem profissional, os mediadores e suas equipes precisam oferecer uma zona de conforto para as partes, transmitindo confiança e fazendo com que elas se sintam confortáveis o suficiente para optarem por uma solução pacífica, levando em conta que, para que um processo de mediação tenha êxito, os dois lados precisam querer chegar a um acordo (ONU, 2012).

Destarte, considerando essa abordagem da mediação e as informações coletadas, essa pesquisa tem como objetivo geral de identificar a relevância da

compreensão intercultural na mediação internacional, por meio da análise de diálogos do filme *A Chegada*, e tem como objetivos específicos, a) Evidenciar a relação intrínseca entre língua e cultura; b) Destacar a importância da cultura na comunicação; c) Identificar as principais barreiras na comunicação entre diferentes culturas; d) Analisar diálogos do filme *A Chegada* demonstrando como o cinema pode dialogar com a realidade; e) Ressaltar a importância da Interculturalidade para o aluno de LEA-NI, tendo como norte a pergunta de pesquisa: “O quão relevante é a compreensão intercultural no processo de mediação internacional?”

Dessa maneira, essa pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica, utilizando como método de análise a etnografia de tela, tem como objeto de estudo o filme *A Chegada* (2016) e analisa excertos de diálogos, coletados a partir de um diário de campo, para responder à pergunta de pesquisa supracitada, utilizando as ações da personagem Louise Banks, interpretada pela atriz Amy Adams, uma doutora em linguística que é recrutada pelo exército dos Estados Unidos após uma visita alienígena que resulta no surgimento de 12 naves elípticas em diferentes partes do mundo (Moreira, 2017), como um comparativo com a realidade. A missão de Louise era estabelecer uma forma de comunicação com os visitantes extraterrestres, para entender quais são seus objetivos na terra e qual abordagem os países envolvidos teriam que seguir (Moreira, 2017). Através de suas estratégias expostas no filme, é traçado um paralelo entre as teorias apresentadas neste trabalho, como por exemplo, as Diretrizes para uma Mediação Eficaz da ONU (2012), os obstáculos para a comunicação intercultural definidos por Laray M. Barna (1994) e as técnicas para uma mediação de sucesso propostas por André Rojai Neto (2018), com as ações da personagem no filme.

O motivo de escolha da mídia cinematográfica como objeto de análise em prol do objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso foi a percepção de que os filmes podem ser um reflexo da realidade (Hopkinson, 1971) que provocam pensamentos críticos e encorajam diálogos e debates (Lu, 2023), sendo assim, um instrumento adequado para uma análise acerca do tema desenvolvido nesta pesquisa.

O filme utilizado neste trabalho, *A Chegada* (2016), foi escolhido pela temática. O fato da interação dos humanos com os alienígenas poder ser compreendido como uma metáfora que representa a interação intercultural entre humanos. Além disso, pelo fato das 12 naves elípticas terem aterrissado em diferentes partes do mundo

(Moreira, 2017), o filme mostra um pouco da interação dos países entre si, além da abordagem de cada um para a comunicação com os alienígenas.

Com isso, podemos observar e analisar o impacto dos fatores culturais enraizados em cada abordagem e como isso afetou o processo de mediação como um todo. Somando-se a isso, o filme já foi pesquisado pelo aluno do bacharelado de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais - LEA-NI, Rodrigo da Silva Maracajá (2020) no seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Multidisciplinaridade do Filme *A Chegada*: Uma Análise da Obra pela Ótica da Relatividade Linguística e da Tradução” e orientado pela Profa. Silvia Renata Ribeiro, docente vinculada ao referido curso. Esperamos, com esta monografia, complementar e contribuir com a pesquisa feita por Rodrigo Maracajá, adicionando uma análise com foco no processo de mediação.

O fator mais significativo que motivou a escolha da referida obra cinematográfica como objeto desse estudo foi a abordagem da personagem principal Louise Banks, e como a partir daí poderíamos traçar semelhanças com as teorias dispostas nas disciplinas do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais – LEA-NI.

O curso de LEA-NI foi criado na França, em 1973, com o objetivo original de oferecer um curso interdisciplinar e profissional, incluindo dois idiomas estrangeiros com a intenção que os alunos os aplicassem em suas carreiras profissionais, sem especificar qual seria a carreira (Crosnier, 2002), ou seja o curso não se limita a uma profissão específica, e sim prepara o aluno para uma gama de possibilidades.

No Brasil, o curso chegou no início dos anos 2000, através de convênios assinados entre a Universidade Federal de Santa Cruz e a Universidade de La Rochelle, na França, com o apoio da embaixada da França no Brasil. O curso tem a missão de formar profissionais que tenham um amplo conhecimento geral, sendo capaz de analisar situações de conflitos, preparando-os para atuar como intermediador no mundo globalizado (Dalben, 2011). Sendo assim, quando comparamos as ações da personagem Louise Banks no filme, mesmo sendo formada em linguística e não em LEA-NI, podemos ver que suas escolhas coadunam com as competências desenvolvidas por meio do curso, de acordo com o seu PPC, tornando-se, assim, um ótimo exemplo para um aluno do curso de LEA-NI.

Portanto, para que essa análise seja feita, esse trabalho foi dividido, primeiramente, em quatro subseções teóricas. Considerando que a mediação é um

processo que envolve diálogos (ONU, 2012), para mostrar o impacto do conhecimento intercultural na mediação internacional, focamos no impacto da cultura em duas fases importantes da mediação internacional: a língua estrangeira e a comunicação. Sendo assim, usando estudos como os de Marjorie Mitchell (2006) e Michael Agar (1994), a primeira subseção denominada Língua e Cultura, reflete sobre a relação intrínseca entre esses dois fatores, e o perigo de se apegar apenas aos aspectos gramaticais quando se aprende ou se comunica em uma língua estrangeira, ignorando o mundo de significados que a cultura traz para ela (Agar, 1994).

A segunda subseção apresenta o processo de Comunicação Intercultural, ou seja, como a cultura afeta a comunicação. Essa subseção explica a sua pertinência para a sociedade atual, além de refletir sobre gestos, idiomas, maneiras de pensar e como tudo isso pode afetar o processo de comunicação. Nessa subseção, foram usados diversos estudos, como o de Laray M. Barna (1994) e Natália Ramos (2001).

Para o entendimento da relevância da compreensão cultural na mediação internacional, temos que primeiro definir a mediação internacional em si. Sendo assim, a terceira subseção explica o processo de mediação internacional, as diretrizes desenvolvidas pela ONU, além de adicionar um contexto histórico tendo a finalidade de demonstrar o valor da mediação para a tomada de decisão e prevenção de conflitos. Para isso, foram utilizadas as Diretrizes para uma Mediação Eficaz da ONU (2012), a Carta das Nações Unidas (ONU, 1945), as técnicas de resolução de conflitos definidos por André Rojai Neto (2018) e outros estudos complementares.

Para finalizar, a fim de mostrar a relevância do cinema e justificar o motivo da mídia cinematográfica ter sido escolhida neste trabalho, o quarto referencial teórico foi denominado de Cinema como Objeto de Análise. Nessa subseção é explorada sua origem, importância, sua contribuição para a pesquisa acadêmica e os tipos de análise que podem ser exploradas em um filme.

A metodologia está dividida em duas subseções, a Natureza da Pesquisa e a Análise de Dados. Sendo assim, essa pesquisa busca compreender melhor os fenômenos no contexto em que ocorrem e do qual são parte, os analisando em uma perspectiva integrada, apresentando, então, uma abordagem qualitativa (Godoy, 1995). O levantamento é bibliográfico, ou seja, baseado em materiais pré-existentes (Gil, 2022) e sua natureza é básica de caráter exploratório.

Os dados analisados são diálogos extraídos do filme *A Chegada* e transcritos em um diário de campo, sendo representados neste trabalho em forma de quadros,

utilizando o método da etnografia de tela em sua análise. A etnografia de tela interpreta o filme como uma interpretação sobre a sociedade e suas práticas sociais, que o analista interpreta através de uma imersão que lhe permite acessar perspectivas diversas sobre a sociedade e sobre si mesmo (Colins; Lima, 2020). A partir desse método podemos interpretar o filme através do olhar sociocultural, dando margem para comparações à vida real.

Por fim, na seção de conclusões finais, é retomada a pergunta da pesquisa chegando à conclusão de que o conhecimento intercultural foi de fato relevante para a mediação entre os humanos e os alienígenas. Destacamos também, a relação entre a ficção científica e a realidade, além da presença da cultura no processo de mediação. Finalizamos sugerindo temas que podem ser aprofundados através da seguinte pesquisa, com a intenção de expandir os estudos aqui mostrados e contribuir ainda mais para o curso de LEA-NI.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção são apresentados os referenciais teóricos utilizados neste trabalho que contribuirão para a análise dos diálogos do filme. Eles estão divididos em quatro subseções, sendo elas: Língua e Cultura: Uma Relação Indissociável, em que será evidenciada a relação intrínseca entre esses dois segmentos; A Comunicação Intercultural Como Meio de Evitar Conflitos, em que discutimos a definição de comunicação intercultural, sua relevância e as barreiras que podem impedir uma comunicação efetiva; a terceira subseção é intitulada Mediação Internacional e, nela, esse processo será definido e discutido, além de refletirmos, brevemente, sobre a Organização das Nações Unidas (ONU); A última subseção é intitulada O Cinema Como Objeto de Análise e discute sua história e importância para a pesquisa acadêmica, evidenciando e definindo os diferentes tipos de análises fílmicas.

2.1. LÍNGUA E CULTURA: UMA RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL

Em situações de interação intercultural, como a mediação internacional² em evidência neste trabalho, onde as diferentes culturas apresentam línguas distintas, é possível que a maioria das pessoas tendam a pensar que a língua é majoritariamente gramática, ignorando a influência dos aspectos culturais (Agar, 1994). No artigo *Cultural Differences* de Marjorie Mitchell (2006), ela afirma que a linguagem é o meio pelo qual os humanos interpretam e dão significado à realidade cultural que edificam, e que é por meio dela que conseguimos estruturar nosso entendimento do universo e da nossa posição nele. Sendo assim, essa subseção explora essa relação intrínseca entre a língua e a cultura.

A língua é o reflexo das atitudes e crenças dos falantes, ou seja, um reflexo do ponto de vista e do contexto sociocultural vividos por eles, ela é usada como um sistema de sinais que tem um grande valor cultural. Se um falante identifica a si próprio e outros através da língua, a linguagem se tornará um símbolo da sua identidade social (Kramsch, 1998). Portanto, essa é a visão sobre a língua que adotamos neste trabalho, reconhecendo que a aquisição de uma língua não se limita apenas ao

² A definição de Mediação Internacional usada neste trabalho é a dada pela Organização das Nações Unidas em seu Tratado contido nas Diretrizes das Nações Unidas que a designa como: “[...] um processo por meio do qual uma terceira parte auxilia duas ou mais partes, com seu consentimento, a prevenir, gerir e resolver um conflito, ajudando-as a desenvolver acordos mutuamente aceitáveis” (ONU, 2012, p. 5).

aprendizado de estruturas gramaticais e vocabulário, mas também na compreensão das perspectivas culturais dos falantes da língua (Agar, 1994). Através dessa abordagem, pode ser realizada uma reflexão sobre como as diferenças culturais influenciam a comunicação e como a compreensão cultural é um diferencial para uma troca eficaz.

Sendo assim, surge a necessidade da ampliação do conceito de línguas como mais do que um aglomerado de regras gramaticais. Na realidade, a língua é bem mais complexa do que a gramática. A noção de que a comunicação com um falante de uma língua estrangeira pode ser feita apenas com o seu conhecimento gramatical e um dicionário, é equivocada, quando consideramos que as diferenças nos idiomas vão além do que é neles disposto. Em uma discussão temos diversos significados, que expressam quem você é, com quem você está lidando, o tipo de situação em que você está, como a vida funciona e o que é importante nela, significado que conecta a língua de dentro do círculo da gramática e dicionário para o mundo exterior (Agar, 1994). Essa afirmação complementa a declaração feita pelo antropólogo e linguista alemão Edward Sapir em 1921, que dizia que o vocabulário de uma língua reflete a cultura a cujos propósitos ela serve. (Sapir, 1921).

Em seu livro *Language, an Introduction to the Study of Speech*, Sapir (1921) analisa minuciosamente a relação intrínseca entre a língua e a cultura. De acordo com ele, as línguas assim como a cultura são raramente suficientes por si próprias. O conteúdo da linguagem está diretamente relacionado à cultura, se uma sociedade não tem conhecimento sobre tal assunto, ela não sentirá a necessidade de nomeá-lo (Sapir, 1921). Ou seja, se um determinado conceito não tem um propósito para uma cultura é improvável que essa sociedade irá desenvolver uma palavra específica para categorizá-lo.

Seguindo essa linha de pensamento, Ivanova (2018) relata que é evidente que a falta de palavras ou expressões que não possuem um equivalente direto em uma língua de destino, pode ser explicada pela falta de noção-alvo no ambiente da língua de destino. Para suprir essa falta, os falantes podem “pegar emprestado” algumas palavras que significam algo que não existe em sua cultura, como por exemplo: os falantes nativos de inglês que podem nunca ter tido nenhum tipo de conexão com a Rússia conhecem palavras como *vodka*, *balalaika* e *ushanka*, assim como falantes nativos de russo estão certamente familiarizados com palavras como *whiskey*, *ale* e *cowboys* (Ivanova, 2018).

Peter Newark (1988) dividiu cinco grupos, que ele chamou de “Categorias Culturais”, cujas características são tão singulares que os tornam mais propensos a apresentar palavras ou expressões que não possuem um equivalente direto em outra língua. São elas: (1) Ecologia, palavras como *honeysuckle*, *downs*, *sirocco*, *tabuleiro*, *plateau* e *selva*; (2) Artefatos Culturais como comidas (*Zabaglione* e *sake*), roupas (*anorak*, *kanga* e *sarong*), casas e cidades (*kampong*, *bourg* e *bourgade*); (3) Cultura Social, palavras associadas ao trabalho e lazer (*Reggae* e *Rock*); (4) Organizações, costumes, atividades, procedimentos e conceitos (*Dharma* e *Kharma*); (5) Gestos e hábitos, ele apresenta o exemplo do gesto chamado de *Cock A Snook* que seria o gesto tipicamente britânico de colocar o dedão na ponta do nariz, deixar a palma aberta e mexer o restante dos dedos para mostrar desdém.

Apesar das palavras que não apresentam equivalentes serem um grande desafio na interação intercultural, uma barreira que pode ser equivocadamente ignorada é a das palavras que apresentam equivalentes, porém podem ser interpretadas de maneiras diferentes de acordo com cada cultura. As palavras não equivalentes apresentam um alto interesse de estudantes e pesquisadores, afinal essas palavras representam a essência da cultura estudada e também são mais fáceis de memorizar. Porém, quando se trata das palavras equivalentes, a diferença da noção dessas palavras em diferentes culturas não é muito discutida (Ivanova, 2018). Comparando novamente a língua russa com a língua inglesa, a autora utiliza o exemplo das definições da palavra *red* (vermelho). O dicionário Oxford apresenta várias definições para a palavra vermelho como:

- 1) (Informal) que tem a cor de sangue ou fogo: um carro vermelho, pôr do sol. O semáforo mudou para vermelho antes que eu pudesse atravessar; 2) Vermelhidão (dos olhos) (=com linhas finas de sangue nelas) ou cercadas por pele vermelha ou muito rosada: Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar; 3) (do rosto) vermelho ou rosa vivo, especialmente porque você está com raiva, constrangido ou envergonhado: Ele gaguejou alguma coisa e ficou com o rosto muito vermelho. 4) (de cabelo ou pelo de um animal) de cor marrom-avermelhada: uma garota de cabelos vermelhos; veados/esquilos vermelhos. 5) (informal (às vezes desaprovando, política) que tem opiniões políticas muito esquerdistas. (Wehmeier; McIntosh, 2014 *apud*, Ivanova, 2018, p. 3. Traduzido pela autora.)³

³ Texto original: 1) (informal) *having the color of blood or fire: a red car / sunset. The lights changed to read before I could get across.* 2) (of the eyes) *bloodshot (=with thin lines of blood in them) or surrounded by red or very pink skin: Her eyes were red from crying.* 3) (of the face) *bright red or pink, especially because you are angry, embarrassed or ashamed: He stammered something and went very red in the face.* 4) (of hair or an animal's fur) *reddish-brown in color: a red-haired girl; red deer / squirrels.* 5) (informal) (sometimes disapproving, politics) *having very left-wing political opinions.* (Wehmeier; McIntosh, 2014 *apud*, Ivanova, 2018, p. 3.)

A palavra “vermelho”, apesar de ter um equivalente direto em russo, é definida de uma maneira diferente. A definição no Dicionário Ozhegov é:

1) a cor do sangue, morango silvestre, a cor de uma flor de papoula; 2) está relacionada a uma atividade revolucionária, à União Soviética e/ou ao governo soviético; 3) (poético) refere-se a algo belo, justo ou bom. Assim, o nome “Praça Vermelha” foi originalmente entendido como uma praça “bonita” e não tinha relação com a cor vermelha 4) Refere-se a espécies valiosas de madeira ou de peixes. 5) (historismo) pessoa que apoiava os bolcheviques durante a Guerra Civil Russa ou alguém relacionado ao Exército Vermelho. (Ozhegov *apud* Ivanova, 2018 p. 3. Traduzido pela autora.)⁴

Como pode ser observado, as duas línguas apresentam diferenças em sua definição apesar de serem equivalentes diretos. Em russo, o vermelho parece trazer um sentido de algo mais positivo e isso pode ser visto em expressões como, em tradução literal, “Nascer do sol vermelho”, uma expressão usada pelos russos quando o nascer do sol é belo, ou “donzela vermelha” que significa bela donzela. O vermelho em russo também pode ter um contexto histórico associado à União Soviética que pode ter um sentido neutro ou positivo. Em inglês, entretanto, pode estar atrelado à política, que em alguns casos pode ser negativa, ou a burocracia que quase sempre é negativa. Como por exemplo: *Red-eye*, que são viagens longas e demoradas que começam à noite e terminam no outro dia; ou *red herring*, que significa algo enganoso, que desvia atenção de um assunto importante (Ivanova, 2018). Em suma, pode ser observado que uma palavra simples como a cor “vermelha” pode ter ideais diferentes que impactam a noção de uma sociedade sobre ela.

Podemos concluir que, assim como Kramsch (1998) afirmou, as palavras refletem a atitude e crenças de seus autores, ou seja, a linguagem expressa a realidade cultural. Com isso, podemos afirmar que a língua e a cultura andam juntas e impactam uma a outra e, com essa percepção, começar a entender porque Louise Banks do filme *A Chegada* se destacou tanto ao insistir que o contexto cultural fosse levado em conta na comunicação com os *heptapods*⁵ que, assim como qualquer grupo

⁴ Texto original: 1) *the color of blood, wild strawberry, the color of a poppy flower*; 2) *it is related to a revolutionary activity, the Soviet Union and/or the Soviet government*; 3) *(poetic) refers to something beautiful, fair, or good. Thus, the name ‘Red Square’ was originally understood as a ‘beautiful’ square and had no relation to the red color*. 4) *Refers to valuable wood species or fish species*. 5) *(historism) a person who was a supporter of the Bolsheviks during the Russian Civil War, or someone related to the Red Army* (Ozhegov *apud* Ivanova, 2018 p. 3.).

⁵ *Heptapods* são os alienígenas do filme *A Chegada* (2016), nomeados assim pelos humanos pois apresentam sete membros articulados, com pontas que se abrem em uma espécie de mão em forma de estrela com sete pontas.

de indivíduos do planeta Terra, possuíam uma outra língua e uma outra realidade cultural.

2.2. COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL COMO MEIO DE EVITAR CONFLITOS

Como visto na subseção anterior, a relação intrínseca entre a língua e a cultura é crucial para uma boa e eficaz comunicação entre membros de diferentes nacionalidades. Atualmente, esse tópico apresenta uma grande relevância, pois com a globalização, as migrações, o multiculturalismo⁶ e os conflitos internacionais, esses encontros interculturais fazem cada vez mais parte do nosso contexto social, econômico e político (Ramos, 2001).

O antropólogo estadunidense Edward T. Hall dá uma definição geral, comumente usada por antropólogos de que a cultura é a maneira em que as pessoas vivem, a soma de seus padrões de comportamentos, atitudes e coisas materiais aprendidas (Hall, 1959). Mitchell (2006) a define como diferentes tipos de sistemas de modelos ou conhecimentos sobre como o mundo funciona e a construção de realidade que ele cria que será compartilhada pelos membros de uma sociedade. Quando falamos sobre interculturalidade, usamos a definição neste trabalho de que ela é o confronto e o entrelaçamento que acontece quando o grupo entra em relações e trocas (Canclini, 2004). A partir dessas definições podemos adentrar na temática desta subseção.

As discussões sobre a cultura, diferenças culturais e comunicação intercultural começaram no século XVIII e XIX como parte do processo de colonização. Atualmente, a comunicação intercultural é discutida como um aspecto intrínseco da globalização ao mesmo tempo que é uma resposta a ela (Piller, 2017). Em um mundo globalizado onde muitas pessoas têm que se comunicar e trabalhar com pessoas de diferentes culturas, a comunicação intercultural é crucial. Ao mesmo tempo, ela se torna necessária para vários tipos de grupos, que possuem diferentes objetivos, como por exemplo: turistas, empresários, pessoas que fazem trabalho voluntário internacionalmente, imigrantes, refugiados, intercambistas e os membros do Corpo da

⁶ O multiculturalismo é o reconhecimento da rica diversidade em uma sociedade ou organização, encorajando e permitindo a contribuição de cada grupo para a sociedade, validando suas expressões culturais, a fim de que possamos olhar para o outro não como uma ameaça em potencial, mas como uma colaboração mútua. (Rosado, 1996).

Paz. Todos esses exemplos citados apresentam maneiras distintas de lidar com a cultura do país que interagem de acordo com cada objetivo específico. (Argyle, 1982).

Não obstante, em um olhar mais atual, com os desenvolvimentos tecnológicos, a globalização da economia e a superação das fronteiras, há um avanço do multiculturalismo dado por meio da migração generalizada da população. São por esses motivos que aprender a trabalhar em conjunto com culturas diferentes e vivenciar novas realidades é extremamente necessário (Kunsch, 2017).

Para que isso aconteça, é necessário compreender as nuances da comunicação entre indivíduos de diferentes culturas para que não haja mal-entendidos que possam comprometer o objetivo final. Natália Ramos (2001) afirma que a comunicação é mais do que um emissor ativo e um receptor passivo, mas exige uma participação ativa dos interessados no processo de informação, tornando-se um fluxo pluridimensional de informações e de interações com variadas respostas. Ou seja, para que a comunicação seja efetiva é preciso que todos estejam devidamente engajados, todos precisam querer estabelecer uma comunicação. Quando isso acontece, tanto o emissor quanto o receptor influenciam o processo de comunicação fazendo com que suas interações não sigam uma única direção e sim múltiplas, tendo uma constante modificação de curso através da resposta do receptor.

Portanto, é importante adicionar que a comunicação é produzida em um determinado contexto físico e sociocultural. Sendo assim, a comunicação não se limita apenas à mensagem, mas também ao contexto que está inserida (Ramos, 2001). Ou seja, ela vai depender não apenas do ambiente onde a interação acontece, mas também dos costumes, valores e crenças que influenciam a maneira que a mensagem é emitida e interpretada.

Sendo assim, é notável a compreensão de que não há comunicação sem cultura (Agar, 1994). De acordo com Allwood (1985), a interação entre indivíduos de origens culturais diferentes têm sido e provavelmente permanecerá como um elemento vital para a convivência humana em nosso planeta. Declaração extremamente relevante levando em conta os avanços da globalização nos dias de hoje. Sobre essa comunicação intercultural, ela a definirá como a troca de conhecimentos sobre variados graus de percepção e gestão entre indivíduos de variadas heranças culturais, abarcando tanto as diferenças entre culturas nacionais quanto aquelas decorrentes da participação em diversas esferas de atividades dentro

de uma mesma nação. Essa é a definição de Comunicação Intercultural trabalhada nesta pesquisa.

A autora alerta, porém, sobre os perigos dos estereótipos. Ela declara que a maioria dos estudos e componentes curriculares que apresentam a comunicação intercultural buscam entender as culturas nacionais, no entanto, correm o risco de ignorar as significativas diferenças entre grupos e indivíduos que não estão em nível nacional. Quando indivíduos de distintas heranças culturais se encontram, todas as discrepâncias entre eles têm o potencial de resultar em equívocos. Uma abordagem para compreender as dificuldades que podem surgir na comunicação intercultural é explorar as maneiras pelas quais os padrões de comunicação podem diferir entre diversas comunidades linguísticas e culturais (Allwood, 1985).

O estereótipo, portanto, se torna um fator importante que impede uma comunicação intercultural efetiva, porém não o único. De acordo com Thomas (2010) em situações de intercâmbio entre culturas distintas, é comum surgirem mal-entendidos e interações conflituosas, especialmente quando há uma interdependência entre os envolvidos. Embora tais desafios se manifestem com maior frequência nessas situações do que em ambientes culturalmente homogêneos, a origem exata desses conflitos tende a ser variada e imprevisível. Indivíduos com diferenças significativas entre si podem apresentar reações e comportamentos inesperados e desconcertantes durante a comunicação, mesmo em contextos semelhantes. Para Jayaswal (2009) o único jeito de escapar dessas situações é aprender a enxergar essas barreiras e evitar cometer erros.

Assim, utilizando o artigo *Stumbling Blocks in Intercultural Communication* de Laray M. Barna (1994) foram colocados em evidência seis obstáculos definidos por ela, que atrapalham uma comunicação intercultural efetiva. O primeiro seria assumir que existem semelhanças o suficiente entre pessoas de diferentes partes do mundo para facilitar a comunicação. As pessoas podem achar que apenas por serem igualmente humanas e terem as mesmas necessidades como comida, abrigo e segurança, elas são totalmente iguais e pensam e interpretam da mesma maneira. Porém, de acordo com Jayaswal (2009) uma pessoa age de acordo com os valores e normas de sua cultura. Um receptor que vê o mundo de uma maneira diferente da do interlocutor pode interpretar o que foi dito de uma maneira equivocada, diferente do contexto original. Como consequência, essas concepções podem levar a conflitos e mal-entendidos

Voltando um pouco para a discussão da seção anterior sobre o impacto da cultura na língua, Robbins (2005) afirma que as palavras têm significados diferentes para pessoas diferentes. Adicionando aos pensamentos de Barna (1994) e Jayaswal (2009) descrito acima, Robbins (2005) declara que uma das maiores barreiras na comunicação é que o emissor costuma pensar que as palavras usadas por ele na transmissão da mensagem terão o mesmo significado para o receptor. O autor chega, então, à mesma conclusão de que um grande problema na comunicação é que as pessoas não sabem como aquelas que interagem modificam as mensagens.

O segundo obstáculo apontado por Barna (1994) são os diferentes idiomas. A autora afirma que uma pessoa que tem dificuldades com outro idioma pelo menos sabe que não está se saindo bem, o verdadeiro problema acontece quando a pessoa se apegue a apenas um significado de uma palavra ou uma frase, sem considerar a conotação ou o contexto. De acordo com Adler (1991), na ação de traduzir significados em palavras, o contexto cultural terá que ser levado em conta. Ela explica que quanto maior for a diferença cultural das pessoas envolvidas, maior será a diferença no significado que elas dão às palavras. Sendo assim, é equivocado pensar que uma palavra terá o mesmo significado em contextos distintos e insistir nisso pode criar desavenças e más interpretações.

O terceiro obstáculo apresentado por ela são as interpretações errôneas não verbais. Pessoas de diferentes culturas apresentam maneiras, gestos, posturas e movimentos corporais distintos ou semelhantes porém com um significado oposto. Os dois são extremamente importantes para uma comunicação realmente efetiva. A má interpretação ou não reconhecimento dessa linguagem não verbal pode criar barreiras na comunicação (Barna, 1994).

Barna (1994) define os preconceitos e estereótipos como o quarto obstáculo. Para ela os estereótipos são:

Crenças excessivamente generalizadas e de segunda mão⁷ que fornecem bases conceituais a partir das quais "damos sentido" ao que acontece ao nosso redor, sejam ou não elas precisas ou adequadas à circunstância (Barna, 1994, p. 6. Traduzido pela autora)⁸

⁷ A definição de *secondhand* usada aqui é a definida pelo *Cambridge Dictionary* como: *learned or heard about from someone else rather than directly from the person involved* (Secondhand, 2025), ou seja algo que foi aprendido ou ouvido falar através de outra pessoa.

⁸ Texto original: *Stereotypes are overgeneralized, secondhand beliefs that provide conceptual bases from which we "make sense" out of what goes on around us, whether or not they are accurate or fit the circumstance.* (Barna, 1994, p. 6)

Ou seja, os estereótipos são generalizações que servem para simplificar e organizar a complexidade do mundo. No entanto, esses estereótipos podem interferir no processo de reconhecimento da realidade das outras pessoas, pois eles estão tão enraizados na mente do indivíduo que mesmo com evidências concretas essas concepções ainda persistem. É preciso que haja um esforço contínuo para questionar e desconstruir esses estereótipos para que o processo de comunicação com pessoas de diferentes culturas aconteça sem mal-entendidos.

O quinto obstáculo seria a tendência a avaliar. Barna (1994) aponta que ao invés de tentar entender as ações e crenças de um outro grupo, as pessoas têm a tendência de avaliar, ou seja, acham que precisam aprovar ou desaprovar. Para superar essa barreira e ter uma compreensão justa e completa, é necessário olhar e ouvir enfaticamente, sem julgamentos. Somente quando houver essa compreensão será possível determinar se há ou não um conflito de valores ou ideologia. Em caso afirmativo, alguma forma de ajuste ou resolução de conflito pode ser colocada em prática.

O sexto e último obstáculo apresentado por Barna (1994) é o alto nível de ansiedade ou estresse. De acordo com o autor, essa situação é muito comum em encontros interculturais, em razão das variadas incertezas presentes neles. Diferente dos outros obstáculos, a ansiedade está subjacente às outras barreiras e muitas vezes as agrava. Por exemplo, o uso dos estereótipos são mecanismos de defesa usados para aliviar o estresse do desconhecido, assim como se prender em semelhanças também pode ser visto com uma proteção contra o estresse de reconhecer e se adaptar às diferenças. A ansiedade também pode aumentar a barreira linguística já que o estresse aumenta o nervosismo que conseqüentemente te deixa mais propenso a cometer erros.

Para superar esses obstáculos, Rani (2016) declara que a empatia é um dos maiores fatores que ajudam na superação das barreiras culturais. Ela define a empatia como a ação de sentir os sentimentos e atitudes dos outros como se nós mesmos tivéssemos a experimentado. O que faz sentido considerando que a maioria das barreiras apresentadas por Laray M. Barna acontece com a falta de se colocar no lugar dos outros e entender sua cultura e o contexto sócio-cultural que estão inseridos.

Para finalizar e completar a declaração de Rani (2016), Dalben (2011) destaca que um bom comunicador intercultural deve possuir aceitação, compreensão, tolerância e respeito pelo outro. Ele afirma que para adquirir essas qualidades, é

essencial dominar diversas estratégias sócio-culturais, como iniciar contatos, antecipar mal-entendidos, ser diplomático em discussões, refletir sobre as diferenças culturais e utilizá-las de forma inteligente durante as negociações.

2.3. MEDIAÇÃO INTERNACIONAL

Um importante processo que envolve a compreensão e adaptação às diferenças culturais na interação, ou seja, uma comunicação intercultural efetiva, é o processo de mediação internacional. Nesta seção, é explorada sua definição, assim como a origem da Organização das Nações Unidas – ONU e suas diretrizes recomendadas, para que sirvam como base na análise das ações da personagem Louise Banks no processo de mediação do filme *A Chegada* (2016).

Os conflitos locais, nacionais e internacionais sempre existiram e marcaram a história humana (Vasconcelos et al., 2023). Destacando o contexto da Primeira Guerra Mundial, em razão de seu flagelo, os estados procuraram estabelecer acordos de paz entre os países envolvidos nos conflitos com a intenção de evitar novos confrontos, assim, com a assinatura do Tratado de Versalhes⁹, foi estipulado os termos de paz entre a Alemanha e os países vencedores da guerra, além de ter sido instituída a Liga das Nações que tinha como objetivo evitar futuros conflitos de nível mundial (Rodrigues; Nere; Souza, 2023).

Entretanto, usando o exemplo do Tratado de Versalhes, a Alemanha não teve espaço dentro das negociações e foi obrigada a aceitar as punições impostas pela Inglaterra e França. Esse sentimento de derrota e humilhação ocasionado pelo tratado, criou um sentimento de revanchismo na sociedade alemã, sentimento que foi posteriormente usado por Hitler e pelo Partido Nazista para instigar a Segunda Guerra Mundial (Rodrigues; Nere; Souza, 2023).

Após as consequências e perdas da Segunda Guerra Mundial, somando-se o fracasso da Liga das Nações e do Tratado de Versalhes, foi criada uma organização internacional que reúne países voluntariamente, com o objetivo de promover a paz, a cooperação e o desenvolvimento mundial, chamada de Organização das Nações Unidas – ONU (Rodrigues; Nere; Souza, 2023). Temendo outra grande guerra com a

⁹ O Tratado de Versalhes foi um tratado redigido após a primeira Guerra Mundial, na Conferência de Paris, pelas potências aliadas vencedoras e assinado pela Alemanha. Nesse tratado foi estabelecido que a Alemanha perderia territórios coloniais, entregaria parte de seu território aos países vencedores, pagaria uma indenização aos países vencedores e manteria um exército reduzido (Macmillan, 2003).

mesma, ou pior, capacidade destrutiva, a ONU em seu documento de criação, a Carta das Nações Unidas, deixa claro que sua intenção é de:

Praticar a tolerância e viver em paz, uns com os outros, como bons vizinhos, e unir as nossas forças para manter a paz e a segurança internacionais, e a garantir, pela aceitação de princípios e a instituição dos métodos, que a força armada não será usada a não ser no interesse comum, a empregar um mecanismo internacional para promover o progresso econômico e social de todos os povos (ONU, 1945, p. 3)

Ou seja, a manutenção da paz seria trabalhada através de princípios pacíficos, instituídos pela organização e acordados pelos estados em conflito, com a finalidade de fazer com que a força bruta não seja usada.

Isso é reafirmado no 1º propósito do Artigo I do capítulo de Propósitos e Princípios, que declara:

1. Manter a paz e a segurança internacionais e, para esse fim: tomar, coletivamente, medidas efetivas para evitar ameaças à paz e reprimir os atos de agressão ou outra qualquer ruptura da paz e chegar, por meios pacíficos e de conformidade com os princípios da justiça e do direito internacional, a um ajuste ou solução das controvérsias ou situações que possam levar a uma perturbação da paz; (ONU, 1945, p. 4 e 5)

Em conclusão, pode-se perceber através desses trechos extraídos da Carta das Nações Unidas que o propósito da Organização é trabalhar para desenvolver meios de resolução pacífica para manter a paz. Para a ONU, de acordo com seu documento de criação, a paz e a segurança vêm em primeiro lugar, e todos os mecanismos pacíficos devem ser testados antes da adoção de qualquer meio não pacífico (Rodrigues; Nere; Souza, 2023). Um desses meios de resolução pacífica é o processo de mediação.

A Organização das Nações Unidas (2012) define a mediação como um processo onde uma terceira pessoa que, com consentimento, auxilia as partes a prevenir, gerir e resolver um conflito. Sua premissa é que, em um ambiente correto, as partes do conflito podem caminhar em direção à cooperação.

Sendo assim, é relevante citar novamente o valor de uma comunicação eficaz para a mediação especialmente em contextos internacionais. Em suas Diretrizes para uma Mediação Eficaz, guia que usaremos nesta seção, a ONU (2012) afirma que um bom mediador é aquele que consegue promover uma troca ao ouvir e dialogar, desenvolvendo um espírito de cooperação por meio da solução de problemas e garantir que as partes estejam suficientemente seguras para prosseguir com a negociação. Além disso, através de uma abordagem profissional, os mediadores e

suas equipes têm o objetivo de oferecer uma zona de conforto para as partes, transmitindo confiança e fazendo com que elas optem por uma solução pacífica.

No entanto, nem todo conflito poderá ser resolvido por meio da mediação. Assim como Natália Ramos (2001) afirma que para que exista uma comunicação é necessário que ambas as partes estejam dispostas a se comunicar, para que exista o potencial de uma mediação eficaz também é necessário que as partes do conflito estejam abertas a buscar uma solução por meio da negociação. Ou seja, a mediação só funciona se as duas partes querem chegar a um acordo. Ademais, é necessário que um mediador confiado e apoiado seja aceito e que haja um consenso generalizado nos níveis regional e internacional, quanto ao apoio do processo. (ONU, 2012).

Para que isso aconteça com eficácia, a ONU (2012) delineou oito fundamentos-chave da mediação que deverão ser levados em conta. O primeiro deles reitera a necessidade de uma boa preparação em uma mediação responsável e com credibilidade. Ela declara que estar preparado significa combinar conhecimento e aptidão necessários em um mediador, junto com uma equipe de especialistas que tenha um apoio político, financeiro e administrativo necessário. Apesar desse fundamento não predeterminar o resultado, a preparação permite que o mediador guie e monitore o processo de mediação e galvanize apoio.

O segundo fundamento é o consentimento. A mediação é um processo voluntário, ou seja, é necessário que haja o consentimento das partes para que ela aconteça. Se as duas partes não estão dispostas a chegar em um acordo, ele dificilmente acontecerá. Em alguns casos, as partes poderão relutar em aceitar as iniciativas de mediação por não as compreender ou acreditarem que elas apresentam uma ameaça à soberania e aos assuntos internos do país. Em outros casos, o consentimento é dado, mas ele não se transforma em um compromisso pleno com o processo de mediação. (ONU, 2012)

Sobre esse fundamento, a ONU orienta que:

É preciso que os mediadores criem um entendimento comum junto às partes do conflito acerca do papel do mediador e das regras que constituirão a base da mediação. Esse entendimento pode ser afetado por mandatos formais para o possível esforço de mediação ou por arranjos informais junto às partes. (ONU, 2012, p.11)

Em suma, o mediador deve garantir que todas as partes compreendam seu papel e as regras que guiarão a mediação, para que o processo seja transparente e

eficaz. Isso pode ser feito de maneira formal, a partir de contratos ou mandatos legais, ou de maneira informal por meio de acordos feitos diretamente entre as partes.

O fundamento número três é a imparcialidade. A ONU define esse fundamento como “a pedra angular da mediação” (ONU, 2012, p. 13), ou seja, a imparcialidade é o elemento mais importante para que a mediação funcione corretamente. Um bom mediador deve saber conduzir um processo que trate todas as partes de forma justa, sem possuir qualquer tipo de interesse material no resultado, afinal, se um processo é visto como tendencioso, corre o risco de inviabilizar um progresso significativo para a resolução de conflitos (ONU, 2012).

Entretanto, o guia deixa claro que:

Imparcialidade não é sinônimo de neutralidade, uma vez que o mediador – especialmente o mediador das Nações Unidas – tipicamente possui um mandato para defender alguns princípios e valores universais, e pode ser necessário que o mediador, de maneira explícita, faça com que tais princípios e valores sejam conhecidos pelas partes. (ONU, 2012, p.13)

Isso significa que embora o mediador seja imparcial, em outras palavras, não favorece nenhuma das partes, ele pode não ser totalmente neutro em relação a certos princípios e valores universais. Isso não significa que ele tomará partido, mas sim que garantirá que essas questões éticas sejam levadas em consideração pelas partes.

Seguindo com os fundamentos, o quarto é a inclusividade. Ele se refere a quão bem e de que forma as visões e necessidades das outras partes estão representadas no processo e no resultado da mediação. Essa diretriz amplia o processo para as partes interessadas facilitando a identificação e o tratamento do problema enfrentado, além de garantir que as necessidades dos segmentos afetados pela população sejam contempladas. (ONU, 2012)

Entretanto, os mediadores enfrentam desafios em um processo inclusivo, pois pode haver situações onde nem todas as partes do conflito estejam dispostas a se engajar ou tenham níveis de coerência necessários para negociação. Outros fatores que podem afetar a maneira que as partes se engajam no processo são os mandados de prisão emitidos pelo Tribunal Penal Internacional, regimes de sanções e políticas antiterrorismo nacionais e internacionais. Além disso, os mediadores podem enfrentar restrições feitas pelas partes, como, por exemplo, quem entrará no processo, como entrará e quando entrará. Em consequência disso, o mediador se encontra em um dilema entre a inclusão e a eficiência, já que em muitos casos o diálogo restrito a um

só grupo, acelera o avanço das negociações, isso é muito usado em casos de cessar-fogo por exemplo, onde uma solução deve ser encontrada rapidamente. (ONU, 2012)

Com a participação de todas as partes envolvidas em um processo inclusivo, o quinto fundamento, o fundamento da apropriação nacional, é fortalecido. Segundo a Organização das Nações Unidas (2012), a Apropriação Nacional quer dizer que as partes do conflito, juntamente com a sociedade, especialmente as comunidades mais afetadas, estão comprometidas com o processo de mediação, seus acordos e implementação. Os mediadores externos, no entanto, não devem impor soluções, mas podem ajudar propondo ideias para resolver os temas do conflito.

O mediador também pode apresentar dificuldades nesse processo. Pode ser difícil para um mediador externo identificar de quem deve vir a apropriação e ampliá-lo para além das pessoas em posição de poder. A promoção dessa apropriação pode exigir o fortalecimento das capacidades de negociação tanto das partes quanto da sociedade, permitindo uma participação ativa em questões mais complexas. Portanto, voltando à declaração do parágrafo anterior, o nível de inclusão no processo influencia diretamente a profundidade da apropriação nacional, que deverá ser adaptada às culturas locais, respeitando o direito internacional e os marcos normativos. (ONU, 2012).

Conforme a Organização das Nações Unidas (2012) deixa claro, o processo de mediação só ocorre se estiver dentro de quadros normativos e legais que podem ser diferentes para cada tipo de mediador. “Os mediadores conduzem seu trabalho com base nos mandatos que recebem da entidade que os nomeou e dentro dos parâmetros definidos pelas regras e regulações da referida entidade” (ONU, 2012, p.19), isto significa que cada instituição ou país possuem suas próprias normas que terão que ser respeitadas durante o processo de mediação.

Essa diferença nas normas também pode ser explicada culturalmente. No próprio guia a ONU (2012) explica que mesmo que algumas normas sejam consideradas universais, os países e até mesmo diferentes sociedades dentro de um mesmo país podem interpretá-las de maneiras distintas. Por esse motivo, o sexto fundamento destaca a importância do mediador estar a par do direito internacional e dos marcos normativos aplicáveis.

Como já mencionado, uma mediação inclusiva pode fazer com que o processo atinja mais pessoas e seja mais eficaz. Entretanto, apesar do crescente número de pessoas envolvidas no processo de mediação fazer com que o sétimo fundamento, o

da coerência, coordenação e complementaridade seja algo essencial, ela também faz com que se torne um desafio (ONU, 2012).

A ONU define a noção de coerência como “as abordagens acordadas e/ou coordenadas” (ONU, 2012, p. 21). E, por sua vez, a complementaridade, como “a necessidade de uma divisão do trabalho clara, baseada nas vantagens comparativas entre atores de mediação operando em diferentes níveis” (ONU, 2012, p. 21), ou seja, a coerência estabelece uma direção comum a ser seguida no processo de mediação, enquanto a complementaridade divide o trabalho dos atores tendo como base suas competências específicas. A diversidade pode ajudar nesse processo considerando que cada ator pode oferecer contribuições únicas nos diferentes estágios da mediação. Porém, também traz consigo o risco de terem atores com propósitos conflitantes ou competindo entre si (ONU, 2012). Sobre isso, a Organização das Nações Unidas declara que:

A variedade de órgãos de tomada de decisão, culturas políticas, marcos legais e normativos, níveis de recursos e regras e procedimentos financeiros e administrativos torna difícil praticar a coerência, a coordenação e a complementaridade (ONU, 2012, p. 21)”

Deixando claro que, como já visto, diferentes órgãos e governos têm diferentes normas que deverão ser respeitadas pelos mediadores, criando uma variedade de contextos institucionais que podem dificultar o processo de mediação.

Retornando à definição da ONU (2012), que estabelece como objetivo da mediação a resolução de conflitos, o último ponto destacado enfatiza a importância de um acordo de paz bem formulado. Nesse contexto, a ONU ressalta que:

Os acordos de paz devem colocar fim à violência e oferecer uma plataforma para alcançar paz, justiça, segurança e reconciliação duráveis. Os acordos devem tanto tratar dos erros do passado como criar uma visão comum para o futuro do país, levando em consideração as diferentes implicações para todos os segmentos da sociedade. Devem ainda respeitar o direito internacional humanitário, os direitos humanos e o direito dos refugiados. (ONU, 2012, p. 25).

Ou seja, um acordo de paz realmente efetivo para a ONU tem o objetivo de não ser apenas uma solução temporária, mas um instrumento que consiga estabelecer uma base sólida para que seja construída uma solução duradoura.

Porém, para que um acordo de paz seja conquistado pacificamente, é necessário que o mediador aplique algumas estratégias. Sendo assim, Neto (2018) declara que existem diversas técnicas que podem garantir um processo de sucesso e apresenta três medidas que podem ajudar na resolução de conflitos na mediação. A

primeira, a Escuta Ativa, consiste em fazer com que a outra parte note que está sendo ouvida, ou seja, que a pessoa se mostre interessada no que está sendo dito. Além disso, a comunicação não-verbal através da observação da postura, expressões e contato visual é extremamente importante. De acordo com o autor, essa técnica permite que o mediador capte significados que vão além das palavras, enriquecendo sua compreensão da situação e das emoções envolvidas.

A segunda técnica é nomeada como Modo Afirmativo. Neto (2018) afirma que nesse modo o mediador precisa separar o problema das pessoas, compartilhar percepções, usar palavras positivas e focar no futuro. É recomendado que o mediador construa, juntamente com as partes envolvidas, uma lista das questões a serem resolvidas, contendo os pontos que as partes desejem abordar ao longo do processo, para que assim o mediador as levem a focar somente em um deles, afirmando a dificuldade de focar em vários ao mesmo tempo. Além disso, é importante que o mediador resuma e parafraseie as afirmações declaradas, para que os mediados possam ouvir e compreender o que eles falaram a fim de que possam reconhecer possíveis erros e formular uma nova afirmação corrigindo a anterior.

Por fim, para concluir as medidas descritas por Neto (2018) e finalizar a sessão de Mediação Internacional, a terceira técnica, e a mais utilizada, é a do Modo Interrogativo. Ela consiste em fazer diversas perguntas aos mediados com o objetivo de fazer com que eles conversem diretamente estimulando a reflexão. Além disso, a criação de hipóteses também é um instrumento extremamente útil, pois através dela o mediador pode introduzir detalhes que as partes podem ter ignorado, organizando seus pensamentos e chegando, por fim, a um acordo.

2.4. O CINEMA COMO OBJETO DE ANÁLISE

Levando em conta as teorias apresentadas acima, esse trabalho tem como objeto de estudo o filme de ficção científica *A Chegada* (2016), do diretor Denis Villeneuve, com roteiro de Eric Heisserer e Ted Chiang (IMDb, 2016), analisando as ações da personagem principal Louise Banks, interpretada pela atriz Amy Adams, em todo o seu processo de mediação com os extraterrestres e os humanos, comparando também suas ações às ações de outros personagens para evidenciar a relevância do conhecimento intercultural na mediação internacional. Para justificar o uso da mídia cinematográfica nesse trabalho, nesta subseção é evidenciado a significância do

cinema como objeto de análise e como a sétima arte pode contribuir para a pesquisa acadêmica.

Em 28 de dezembro de 1895, no Grand Café em Paris, os irmãos Auguste e Louis Lumière, apresentaram ao público pela primeira vez sua invenção, o cinematógrafo (Costa, 2006). Apesar do cinematógrafo não ser o primeiro sistema de projeção de filmes, os irmãos Max e Emil Skladanowsky, por exemplo, exibiram seu próprio sistema em um grande teatro em Berlim dois meses antes dos Lumière, a invenção de Auguste e Louis se diferenciou dos demais. Seu design mais leve e funcional, sua dupla função como projetor ou câmera, seu mecanismo que captava as imagens em uma velocidade de 16 quadros por segundo sem utilizar luz elétrica, sendo acionada por manivela, e o fato de ser leve o suficiente para que pudesse ser transportado facilmente para fora do estúdio, fizeram com que o cinematógrafo se tornasse o sistema de projeção de filmes padrão por anos (Costa, 2006).

Os primeiros filmes eram atrações autônomas, feitas para se encaixar nas diferentes programações de lugares como o Grand Café ou em sua versão estadunidense, os *Vaudevilles*, uma espécie de teatro de variedades onde as pessoas podiam beber e conversar (Costa, 2006). Os *Vaudevilles* incluíam atrações como: “*performances* de acrobacia, declamações de poesia, encenações dramáticas, exibição de animais amestrados e sessões de lanterna mágica” (Costa, 2006, p.20). Para se atrelar a essa programação, os primeiros filmes eram compostos por uma única tomada e não estavam integrados a uma eventual cadeia narrativa (Costa, 2006).

Nos primeiros 20 anos, o cinema estava misturado a outras formas de cultura, como o teatro, a lanterna mágica, *vaudeville* e as atrações de feira, tentando chegar desajeitadamente a uma forma de narrativa, mas com dificuldades de encontrar sua própria linguagem. Aos poucos, com o manejo da montagem como elemento fundamental da narrativa, os filmes teriam superado sua limitação, encontrando sua linguagem específica e se tornando arte (Costa, 2006).

Desde que encontrou sua linguagem específica, o cinema cresceu, evoluiu e mudou. Porém, uma semelhança que vai desde o primeiro cinema ao cinema contemporâneo, é a definição do filme como uma experiência principalmente visual compartilhada por um grupo ou uma comunidade onde a realidade pode ser recriada, reinterpretada e reorganizada (Hopkinson, 1971). Os filmes contemporâneos podem ser principalmente uma forma de entretenimento, oferecendo uma fuga da realidade,

trazendo ao público uma série de emoções (Lu, 2023), como também um reflexo da realidade, considerando que através de um filme o público pode aprender sobre sua origem, a história de uma nação e a história da humanidade (Hopkinson, 1971), além de refletirem os valores, crenças e aspirações de uma cultura ou sociedade, desafiando o atual estado das coisas, provocando pensamentos críticos e encorajando diálogos e debates (Lu, 2023).

No que tange a essa provocação crítica produzida pelos filmes, podemos considerar o cinema como um objeto interessante para uma análise mais aprofundada. Na realidade, a análise de filmes não é algo recente, poderíamos dizer, que ela nasceu ao mesmo tempo que o cinema, quando os cronistas comentavam os pormenores das figuras animadas exibidas pelo cinematógrafo (Aumont; Marie, 2009). No entanto, o primeiro trabalho de análise de filme propriamente dito foi realizado por Eisenstein, quando, em 1934, fez uma decomposição de um excerto de seu filme *O Couraçado Potemkine* de 1925. Essa decomposição foi feita com o objetivo de defender o seu trabalho enquanto arte e distingui-lo de qualquer outro realizador (Penafria, 2009).

Atualmente, com a integração do cinema na instituição cultural e pertencendo ao patrimônio cultural, o cinema tem sido extremamente comentado e estudado. Seja em colunas de críticos especializados ou em meios de comunicação em massa, como televisão, rádio e jornais, ele é analisado na mesma intensidade que as outras artes tradicionais (Aumont; Marie, 2009).

A aproximação entre o mundo do cinema e o mundo acadêmico, no entanto, foi dada pela percepção da narrativa como uma base sólida para análises vinculadas com disciplinas que priorizam uma certa coerência teórico-metodológica (De Carvalho, 2009). Esse tipo de análise da estrutura narrativa obrigou os analistas a utilizarem os conceitos e métodos das ciências humanas a propósito do filme, sendo denominada abusivamente de “análise estrutural” (Aumont; Marie, 2009).

No entanto, a análise estrutural foi apenas um ponto de partida para as demais ramificações da análise de um filme. Apesar de seu vínculo com os conceitos das ciências humanas fazerem com que a análise estrutural desempenhe, até hoje, um papel de mito condutor da análise fílmica, atualmente a análise de um filme apresenta diversos suportes metodológicos (Aumont; Marie, 2009). Em realidade, apesar de existir várias tentativas de fazer com que análise fílmica seja uma disciplina autônoma (Penafria, 2009), não existe uma teoria unificada do cinema, ou seja, não existe um

método universal para analisar o cinema (Aumont; Marie, 2009), portanto, o analista fica livre para estudar o filme de diversas maneiras.

Portanto, para uma melhor organização deste grande leque de oportunidades, Manuela Penafria (2009) evidenciou quatro tipos de análise de que se tem conhecimento, sendo elas a análise textual, análise de conteúdo, análise poética e análise da imagem e do som. A Análise Textual deixa de lado a riqueza visual do filme e considera o filme como um texto, decompondo-o e mostrando a estrutura do mesmo.

A de conteúdo, por sua vez, leva em conta apenas o tema do filme, fazendo um resumo da história e uma decomposição do filme de acordo com tal tema. A análise poética vê o filme como uma criação de efeitos, ou seja, um meio de provocar sensações ou sentimentos nas pessoas que o assiste. Nesse contexto, o analista traça as estratégias a partir desses efeitos, identificando como os recursos visuais e sonoros foram usados para promover tais sensações no público (Penafria, 2009).

Na análise de imagem e som, o filme é entendido como um meio de expressão, ou seja, o tipo de visão que o realizador tem e quer passar ao público, permitindo que o cinema lance novos olhares sobre o mundo e estimulando a audiência a pensar. Cada uma dessas análises tem sua própria metodologia (Penafria, 2009), mas, como já antes mencionado, a análise fílmica em si, não tem um método considerado mais apropriado para se interpretar um filme (Colins; Lima, 2020). No presente trabalho, analisamos o filme através do viés dos estudos culturais, com a intenção de demonstrar sua finalidade para a mediação internacional.

3 METODOLOGIA

Antes de entrarmos na discussão dos dados, é necessário esclarecer os métodos usados para coleta e análise dos mesmos. Sendo assim, esta seção foi dividida em duas subseções, a primeira ressalta a natureza da pesquisa, citando a problemática, a pergunta que guia este trabalho e seu objetivo geral e os específicos. A segunda coloca em evidência as informações sobre os dados coletados, qual foi o método, o instrumento de análise e o instrumento de coleta de dados.

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Neste trabalho, identificamos o seguinte problema: “Como a falta de conhecimento intercultural nas interações internacionais, com ênfase na mediação internacional, pode impactar negativamente os resultados do processo?” Identificamos, portanto, a seguinte pergunta de pesquisa: “O quão relevante é a compreensão intercultural no processo de mediação internacional?” Para buscar respondê-la, temos como objetivo geral: identificar a relevância da compreensão intercultural na mediação internacional, por meio da análise de diálogos do filme *A Chegada*. Como objetivos específicos, temos: a) evidenciar a relação intrínseca entre língua e cultura; b) destacar a importância da cultura na comunicação; c) identificar as principais barreiras na comunicação entre diferentes culturas; d) analisar diálogos do filme *A Chegada* (2016) demonstrando como o cinema pode dialogar com a realidade; e e) ressaltar a importância da Interculturalidade para o aluno de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

Sendo assim, para responder essa pergunta e cumprir com os objetivos citados, o objeto a ser analisado será o filme *A Chegada* (2016), tendo como foco a abordagem da personagem Louise Banks em seu processo de mediação com os alienígenas. O presente trabalho apresenta uma abordagem qualitativa, ou seja, busca compreender melhor os fenômenos no contexto em que ocorrem e do quais fazem parte, os analisando em uma perspectiva integrada (Godoy, 1995). Por meio dessa abordagem, será possível compreender as motivações da personagem e capturar a relevância do tema investigado.

Por conseguinte, o levantamento usado nessa pesquisa é bibliográfico. Gil (2022) explica que uma pesquisa bibliográfica é baseada em materiais pré-existentes como jornais, livros, revistas, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Portanto, para contextualizar o tema, serão utilizadas obras de autores da área de linguística como, por exemplo, Edward Sapir (1921) e Michael Agar (1994), estudos sobre comunicação intercultural como os estudos de LaRay M. Barna (1994) e Michael Argyle (1982), e pesquisas que envolvem o processo de mediação internacional e resolução de conflitos, como as diretrizes para uma mediação de sucesso estipuladas pela Organização das Nações Unidas (2012) e as técnicas de resolução de conflitos definidas por André Rojai Neto (2018) em seu artigo.

Além disso, estudos anteriores de outros estudantes de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, como o trabalho de conclusão de curso de Rodrigo da Silva Maracajá (2020), intitulado “A Multidisciplinaridade do Filme “A

Chegada”: Uma Análise da Obra pela Ótica da Relatividade Linguística e da Tradução”¹⁰, foi de grande ajuda por sua brilhante análise dos aspectos multidisciplinares do filme e sua conexão com o curso de LEA-NI. Essas obras serviram como uma base teórica sólida, proporcionando conceitos relevantes para a análise dos dados escolhidos.

Ademais, esta pesquisa é de natureza básica. Segundo Gil (2022), a denominada pesquisa básica é um compilado de estudos que têm como objetivo preencher uma lacuna no conhecimento. Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a investigar os fundamentos teóricos e conceituais relacionados à relevância da cultura na mediação internacional, dando ênfase a seus benefícios para os alunos e egressos do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. Além disso, ele terá como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito ou construindo hipóteses, ou seja, será uma pesquisa de caráter exploratório (Selltiz 1987 apud Gil, 2022).

3.2. ANÁLISE DOS DADOS

Entrando no contexto dos dados a serem analisados, esse Trabalho tem o objetivo de analisar o filme *A Chegada*, através do viés dos estudos interculturais, com a finalidade de demonstrar sua relevância para a mediação internacional. Sendo assim, a metodologia escolhida foi a “etnografia de tela”.

A etnografia de tela foi proposta, em 2004, pela pesquisadora brasileira Carmen Rial, tendo como base os estudos no campo da antropologia e tendo como ponto de partida as mudanças trazidas pela abordagem pós-estruturalista no campo dos estudos em humanidades (Colins; Lima, 2020). Diferente da análise fílmica, na etnografia de tela, o filme oferece um discurso sobre a sociedade e suas práticas sociais, que o analista interpreta através de uma imersão que lhe permite acessar perspectivas diversas sobre a sociedade e sobre si mesmo. Ou seja, através da própria tela do filme como campo de pesquisa, o autor registra em um caderno de campo a escolha de cenas do filme, e, usando o referencial teórico, suas experiências, percepções e impressões, a analisa (Colins; Lima, 2020).

¹⁰ Orientado por: Profa. Ma. Sílvia Renata Ribeiro. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17934/1/RODRIGO%20DA%20SILVA%20MARA%20CAJ%C3%81.pdf>

Através desse método será possível explorar os aspectos socioculturais que serão abordados neste trabalho, analisando o filme através da imersão, observando os conceitos culturais apresentados na fundamentação teórica e seu papel no filme, além de aplicar os conceitos de mediação internacional também previamente introduzidos, observando assim, como o filme pode ser uma extensão da vida real.

Sendo assim, os dados analisados na seção subsequente são constituídos de excertos de diálogos, extraídos de cenas selecionadas, do filme *A Chegada* (2016), segundo os objetivos da pesquisa. Os diálogos escolhidos para análise foram divididos em 11 quadros, sendo selecionados pela presença da abordagem intercultural, exemplo de barreira na comunicação ou situações chaves para o processo de mediação retratado no filme.

Os diálogos foram retirados do filme e transcritos no instrumento de coleta 'diário de campo'. É relevante mencionar também que os diálogos foram registrados conforme sua tradução do áudio dublado em português. O motivo da escolha do áudio em português foi o maior alcance da língua portuguesa no Brasil e o fato de ser a língua oficial falada no Brasil. No entanto, antes da coleta de dados, foi observado se todas as traduções transmitiam por completo a mensagem do idioma fonte, e quando comprovado que sim, foram analisadas neste trabalho usando os embasamentos teóricos introduzidos na fundamentação teórica.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Esta seção está dividida em três subseções. Na primeira o filme será introduzido e comentado, destacando a abordagem feita pela narrativa. A segunda subseção foca na análise do processo de comunicação e mediação da personagem Louise Banks, trazendo diálogos e ações da personagem para serem discutidos com base nas teorias de língua e cultura, comunicação intercultural e mediação internacional. A terceira subseção mostra a importância da comunicação intercultural na comunicação e mediação internacional e sua relevância para o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

4.1 A CHEGADA COMO UM ESPELHO PARA A REALIDADE

Para chegarmos à análise dos diálogos, se torna necessária uma contextualização do tema do filme, do motivo de sua escolha, da descrição da personagem Louise Banks e a razão dela estar envolvida na narrativa. Com essa

finalidade, esta subseção contará com a sinopse, créditos, descrição de personagens e interpretação da história. Os créditos apresentados foram coletados da página do filme *A Chegada* no Internet Movie Database (IMDb) e a sinopse e informações do filme foram construídas a partir do próprio filme.

Dirigido pelo diretor Denis Villeneuve, com roteiro de Eric Heisserer e adaptado do conto *História da Sua Vida* (1998) de Ted Chiang (IMDb, 2016), *A Chegada* (FIGURA 1) é um filme de ficção científica que narra o aparecimento de doze naves interplanetárias em diferentes partes do mundo e a tentativa de comunicação dos humanos com as criaturas que a habitam (Moreira, 2017).

Figura 1: Cartaz do filme *A Chegada*



Fonte: IMDB, 2016

Para justificar a escolha desse filme para o trabalho, é utilizado nesta análise o pensamento de que o cinema pode ser um reflexo da sociedade e que a realidade pode ser reinterpretada nele (Hopkinson, 1971). Quando se trata de ficção científica, muitas delas apresentam criaturas não-humanas como aliens, zumbis ou robôs, para fazerem com que o público as use como reflexão sobre a sociedade em que vivem (Kusumastuti, 2019). Sendo assim, a ficção que está presente no filme pode ser analisada e discutida usando a realidade como um comparativo.

O filme *A Chegada*, especificamente, foi escolhido por apresentar uma abordagem distinta de alguns títulos famosos do mesmo gênero que também utilizam a figura do alienígena e sua interação com o homem. Introduzindo uma comparação, o retrato da interação entre humanos e seres extraterrestres pintado em outros filmes

populares, como por exemplo *Alien*, *o Oitavo Passageiro* (1976), *Independence Day* (1996) e *Guerra dos Mundos* (2005), é de uma relação hostil, onde uma das partes invade o território da outra, usando ou retaliando com instrumentos de guerra, retratando o desconhecido como algo assustador ou ameaçador.

Se considerarmos que um filme pode refletir a história, valores e crenças de uma sociedade (Lu, 2023), essa escolha por um reflexo hostil da interação entre criaturas de origens distintas, encontrada nesses filmes, pode ser explicada pelo fato de que na história do mundo, desde os primórdios até os dias atuais, as divergências de ideias ou interesses entre povos de diferentes origens acabam em confrontos, e em casos extremos, se transformam em guerra (Rodrigues; Nere; Souza, 2023). Sendo assim, não é difícil inferir que em uma invasão alienígena hipotética, a sociedade reagiria de uma forma mais bruta, ou que a espécie invasora atacaria a civilização de origem, considerando que sua história reflete isso.

Porém, em uma sociedade dividida, como a atual, onde a convicção vale mais que fatos e que a visão do estrangeiro como uma ameaça à integridade de uma determinada cultura cresce e se proliferam cada vez mais através de líderes influentes, um filme que aborda o desconhecido sob um outro ponto de vista é de grande valor (Moreira, 2017). *A Chegada* propõe exatamente isso. Na narrativa os alienígenas invadem o planeta, porém, não o atacam, apresentando uma situação inusitada aos humanos presentes na narrativa e fazendo tanto os personagens quanto o público que assiste ao filme, questionar a intenção daquelas criaturas e qual caminho seguir.

Portanto, considerando que o filme pode capturar muito bem o espírito de seu tempo (Maracajá, 2019) e voltando à fala de Hopkinson (1971) e pensando em qual realidade foi reinterpretada nessa abordagem, podemos pensar que a visão da História usada foi outra. Para analisar quais poderiam ser os valores da sociedade contemporânea retratados na abordagem do filme, esta subseção retorna aos conflitos internacionais, porém, focando agora em suas consequências, evidenciando o mundo após o término de dois conflitos, a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais.

A Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), deixaram um grande rastro de destruição. Temendo outra situação catastrófica para a humanidade, os países começaram a priorizar um contexto de paz ao invés de confrontos armados (Rodrigues; Nere; Souza, 2023). Decerto, no texto inicial do

preâmbulo da Carta das Nações Unidas, documento de criação da ONU, é declarado o seguinte:

NÓS, OS POVOS DAS NAÇÕES UNIDAS, RESOLVIDOS a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que por duas vezes, no espaço da nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade, e a reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor do ser humano, na igualdade de direito dos homens e das mulheres, assim como das nações grandes e pequenas, e a estabelecer condições sob as quais a justiça e o respeito às obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes do direito internacional possam ser mantidos, e a promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade ampla. (ONU, 1945, p. 3).

Esse trecho evidencia as consequências negativas da Primeira e Segunda Guerra Mundiais, e como a urgência em evitar que isso acontecesse novamente fez com que os países se juntassem voluntariamente e criassem uma organização com o objetivo de fazer com que os conflitos sejam resolvidos por meio de acordos e tratados, ao invés de armas.

Em outras partes da mesma carta, é frisada novamente a resolução de conflitos por meios pacíficos, como por exemplo, o princípio número 3 do artigo 2 do capítulo de Propósitos e Princípios, que declara que “todos os membros deverão resolver suas controvérsias internacionais por meios pacíficos, de modo que não sejam ameaçadas a paz, a segurança e a justiça internacionais” (ONU, 1945, p. 6).

Podemos concluir então que na sociedade pós-guerra, os meios pacíficos viraram prioridade, utilizando a atividade militar em último caso, apenas quando todas as alternativas pacíficas se esgotarem (Rodrigues; Nere; Souza, 2023). Portanto, podemos interpretar que a sociedade contemporânea retratada no filme, em um primeiro momento, enfrenta essa situação com a mesma mentalidade pós-guerra a favor da paz descrita na Carta das Nações Unidas (1945), tentando evitar ao máximo o uso de recursos bélicos, usando meios de resoluções pacíficas, a fim de preservar os direitos do ser humano e impedir o sofrimento trazido pelas guerras.

Entretanto, considerando o contexto atual, é importante dizer que essa mentalidade pós-guerra a favor da paz, quando posta a prática, possui ressalvas. Voltando a atenção para o atual presidente da maior economia do mundo de acordo com o Fundo Monetário Internacional (2025), os Estados Unidos, que é um dos países signatários da Carta das Nações Unidas e membro fundador da Organização das Nações Unidas (ONU, 2024), que vem fazendo declarações controversas, declarando repetidamente que pretende comprar a Groenlândia, ilha que apresenta ampla autonomia, mas continua fazendo parte da Dinamarca (BBC, 2025), assim como

declarações insistentes sobre transformar o Canadá no 51º estado estadunidense (Beckett, 2025).

Outro membro fundador que podemos usar como exemplo é a Rússia, que na época em que a carta foi assinada era denominada União Soviética (ONU, 2024), quando invadiu a Ucrânia no dia 24 de janeiro de 2022. Considerando a relevância geopolítica da Ucrânia para a Rússia e para a OTAN¹¹ e a possibilidade da extensão da guerra para outros países do continente europeu, podemos concluir que existe uma grande possibilidade dessa guerra ter o poder de transformar estruturas de longos prazos no contexto internacional (Loureiro, 2022). No entanto, esses países assinaram um acordo de paz e teoricamente uma tentativa pacífica seria a prioridade.

A sociedade do filme será interpretada dessa maneira, mantendo o compromisso com a paz e tentando meios pacíficos antes de um conflito armado. Por conseguinte, podemos pensar em qual método de resolução pacífica a sociedade contemporânea presente no filme escolhe utilizar. É importante mencionar que os meios de resoluções pacíficas existentes são muitos, mas um dos mais eficazes é a mediação (Rodrigues; Nere; Souza, 2023). É importante lembrar que a mediação é definida nesse trabalho como um processo onde uma terceira pessoa auxilia as partes a chegarem em um acordo (ONU, 2012) em uma ação voluntária, flexível e confidencial, promovendo o diálogo e a cooperação, preservando a comunicação entre as partes (Rodrigues; Nere; Souza, 2023).

Entretanto, no filme, esse processo se complica. Os alienígenas, chamados de *heptapods*, não se comunicam em nenhuma língua conhecida pela humanidade e sim por uma complexa língua escrita baseada em ideogramas circulares (Figura 2) (Moreira, 2017).

Figura 2 - Língua dos *Heptapods*

¹¹ A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) é uma aliança política e militar composta atualmente por 32 membros. Se os esforços diplomáticos falharem, o poder militar poderá operar em operações de contenção de crise. Um ataque contra um de seus membros é um ataque a todos. (OTAN, 2025)



Fonte: IMDB, 2016

Por consequência, primeiramente, fez-se necessário descobrir um meio de se comunicar com as criaturas para entender suas intenções para assim começarem o processo de mediação, considerando que a interpretação errônea de alguma fala pode trazer conclusões precipitadas (Jayaswal, 2009).

Para iniciar a análise desse processo de comunicação, é preciso se atentar ao fato de que a língua é o reflexo das atitudes e crenças dos falantes (Kramsch, 1998) e que o ser humano é limitado por essa mesma cultura, ou seja, os valores de sua cultura influenciam seu modo de pensar e ver o mundo (Mitchell, 2006). Sendo assim, a pessoa responsável teria que reconhecer e usar a relação intrínseca da língua e cultura a seu favor.

Por essa razão, o exército estadunidense escolheu a doutora em linguística Louise Banks com o objetivo de decifrar essa língua desconhecida e, a partir disso, estabelecer uma comunicação com os *heptapods*. Considerando as pessoas apontadas pelo governo dos Estados Unidos, e as pessoas escolhidas das outras nações onde as naves apareceram que, em um primeiro momento, trabalhavam em conjunto por videoconferência (Moreira, 2017), Louise era apenas uma das muitas envolvidas nesse processo. Porém, seu conhecimento em linguística e sua mente aberta para o conhecimento do outro (Moreira, 2017) foram essenciais para a comunicação exitosa com os seres desconhecidos e para a mitigação de conflitos.

4.2. A PERSONAGEM LOUISE BANKS COMO MEDIADORA INTERNACIONAL

Sendo assim, nesta subseção serão evidenciadas e analisadas as ações da protagonista, Louise Banks, no processo de comunicação e mediação com os extraterrestres, mostrando a importância e o impacto de seu conhecimento

intercultural nesses processos. Para a análise, em seguida, foram usados diálogos transcritos do filme, juntamente com as teorias e estudos previamente discutidos.

Relembrando a narrativa do filme de ficção científica *A Chegada* (2016), o conflito do filme se inicia quando 12 naves pousam em 12 países, entre eles, Estados Unidos, China, Japão e Rússia. Em um primeiro momento os governos trabalharam juntos, comunicando-se através de videoconferência e compartilhando suas descobertas, cada país com seus próprios profissionais e métodos para decodificar, traduzir e se comunicar com os habitantes das naves (Moreira, 2017). Assim, os Estados Unidos recrutam a Doutora em Linguística Louise Banks para, juntamente com o físico Ian Donnelly, decifrarem a língua desconhecida. Louise consegue se comunicar com os alienígenas e impedir um confronto direto entre os países e esses seres (IMDb, 2016). Portanto essa análise discutirá, evidenciará e destacará a relevância da presença do seu conhecimento intercultural nesses processos.

Primeiramente, antes de começar o processo de análise da ação da personagem, é importante relembrarmos dois conceitos importantes: cultura e interculturalidade. Nesta pesquisa, é utilizada a definição de cultura dada pelo antropólogo estadunidense Edward T. Hall, ou seja, cultura é a maneira em que as pessoas vivem, é a soma de seus padrões de comportamentos, atitudes e coisas materiais aprendidas (Hall, 1959), somada a declaração de Marjorie Mitchell (2006) de que a cultura são diferentes tipos de sistemas de modelos ou conhecimentos sobre como o mundo funciona e a construção de realidade que ele cria que será compartilhada pelos membros de uma sociedade. A interculturalidade é definida neste trabalho a partir dos estudos do antropólogo argentino Néstor García Canclini (2004), que define a interculturalidade como o confronto e o entrelaçamento que acontece quando o grupo entra em relações e trocas. A partir dessas definições, podemos analisar as falas e ações de Louise através de uma perspectiva cultural, observando sua relevância na teoria e na prática.

Através das ações de Louise, observamos, nesse trabalho, o impacto e utilização da abordagem cultural na língua estrangeira em si e no processo de comunicação com os alienígenas. De fato, a primeira cena a ser discutida acontece bem no início do filme, sendo uma breve primeira amostra do contexto cultural junto com o aprendizado de uma língua estrangeira. A cena se passa na sala em que Louise ministra suas aulas, para uma turma de poucos alunos, começa sua aula dizendo (QUADRO 1):

Quadro 1 - Diálogo 1

Diálogo 1	
Louise	“Hoje iremos conversar sobre o português e por que ele soa tão diferente das outras línguas românicas”

Fonte: *A Chegada* (2016, 0:04:37 - 0:04:42)

Quando discutimos sobre o aprendizado de outras línguas, a maioria tende a pensar equivocadamente que a gramática e estrutura da língua unicamente são a solução (Agar, 1994). Entretanto, se Louise agisse de acordo com esse pensamento ela nem teria perguntado o porquê da língua portuguesa soar tão diferente, ela poderia ter demonstrado apenas a estrutura da língua, a fonética e compará-las com as outras línguas românicas. Porém, Louise não apenas levanta essa questão, como logo depois diz (QUADRO 2):

Quadro 2 - Diálogo 2

Diálogo 2	
Louise	“A história do português começa no reino da Galiza (...) na Idade média, onde a língua era vista como uma expressão de arte”

Fonte: *A Chegada* (2016, 0:04:44 - 0:04:55)”

Louise foi interrompida antes de concluir seu pensamento, porém essa frase já introduz sua abordagem intercultural na maneira de lidar com a língua. A fala: “(...) a língua era vista como uma expressão de arte” (*A Chegada*, 2016, 0:04:55), mostra a visão de uma sociedade sobre a língua. A escolha de trazer esse ponto de vista cultural para o ensino de uma língua em um ambiente acadêmico é crucial, se considerarmos que as diferentes maneiras que um povo encontrou de perceber as coisas ao seu redor influenciam diretamente a língua em que falam (Agar, 1994), pois interpretam a realidade cultural do meio em que vivem e estruturam seus entendimentos do universo e suas posições nele através dela (Mitchell, 2006). Essa é a significância do ensinamento dos aspectos culturais na aprendizagem de uma língua no ambiente acadêmico, o fato delas se expressarem uma na outra, fazendo com que estejam intrinsecamente conectadas (Kramsch, 1998).

É importante definirmos essa relação intrínseca entre a língua e a cultura para que possamos chegar a outro conceito importante para essa análise, a comunicação

intercultural. A comunicação intercultural é definida nesse trabalho como a troca de conhecimentos sobre diferentes graus de percepção e gestão entre indivíduos de variadas heranças culturais, englobando as diferenças entre culturas nacionais e aquelas decorrentes da participação em diversas esferas de atividades dentro de uma mesma nação (Allwood, 1985). A comunicação se torna muito importante na narrativa do filme e no processo de mediação a ser analisado, pois considerando que os alienígenas se comunicam em um idioma desconhecido, a primeira missão de Louise foi desvendar o que eles queriam dizer, para que assim ela pudesse ter certeza que ambas as partes compreendem o processo e o consentem.

Sendo assim, a segunda cena a ser discutida, é a cena de recrutamento da personagem Louise Banks, onde o Coronel Weber, interpretado por Forest Whitaker, (IMDb, 2016), vai até seu escritório e a convida a traduzir a língua dos alienígenas. Ele tira um gravador do bolso e toca a gravação de uma tentativa de comunicação com os seres, após fazer isso ele a pergunta (QUADRO 3):

Quadro 3 - Diálogo 3

Diálogo 3	
Weber	"A senhora ouviu, o que entendeu?"
Louise	"São quantos?"
Weber	"Quantos o que?"
Louise	"São quantos falando?"
Weber	"Dois."
Weber	"Saiba que não estão falando ao mesmo tempo"
Louise	"Tem certeza? Tinham bocas..."
Weber	"Que método usaria para traduzir?"
Louise	"Posso dizer que é impossível traduzir a partir de um arquivo de som, eu preciso estar lá e interagir com eles"
Weber	"Não precisou disso para traduzir o persa"
Louise	"Não precisei, porque já conhecia a língua (...)"

Fonte: A Chegada (2016, 0:12:23 - 0:13:21)

Voltando ao pensamento de que o conteúdo da linguagem está diretamente relacionado à cultura (Sapir, 1921), podemos interpretar que quando Louise afirma que já conhecia a língua persa, ela está dizendo que já conhece sua cultura, então não teria necessidade de se comunicar diretamente com eles, diferente da situação com os alienígenas, em que Louise não tem nenhuma informação sobre eles. Considerando a definição usada nesta pesquisa de que a cultura é a soma dos padrões de comportamentos, atitudes e coisas materiais aprendidas (Hall, 1959), é

necessário que ela tenha esse contato com eles para que possa entender esses fatores culturais, antes de traduzir a língua desconhecida. Afinal, na ação de traduzir, o contexto cultural terá que ser levado em conta, tendo o conhecimento de que a diferença cultural das pessoas envolvidas é diretamente proporcional à diferença no significado que elas dão às palavras (Adler, 1991), ou seja, a má interpretação delas pode ter um efeito negativo no processo de comunicação. Se Louise não conhecer a cultura deles e pensar que as palavras usadas por ela terão o mesmo significado para eles, haverá uma grande chance dela mudar, sem perceber, a mensagem do interlocutor, criando uma barreira na comunicação (Robbins, 2005).

O general, no entanto, não entende isso e acredita que o motivo de Louise pedir para se encontrar pessoalmente com os alienígenas seja uma curiosidade, que ela conseguiria traduzir os áudios sem a necessidade de ir até lá. Ele não aceita a sua proposta e se retira, porém antes de partir, Louise o pergunta se ele chamaria o professor da universidade de Berkeley em seu lugar, e logo depois diz (QUADRO 4):

Quadro 4 - Diálogo 4

Diálogo 4	
Louise	“Coronel. Falou de Berkeley, o senhor vai passar para o Danvers?”
Weber	“Talvez”
Louise	“Antes de contratá-lo, pergunte qual é a palavra em sânscrito para ‘guerra’ e a tradução”

Fonte: (*A Chegada*, 2016, 0:13:59 - 0:14:08)

O general parece não entender de princípio, porém à noite, ele vai até a casa de Louise com a resposta:

Quadro 5 - Diálogo 5

Diálogo 5	
Weber	“ <i>Gavisti</i> . Ele diz que é uma discussão. O que a senhora diz?”
Louise	“Um desejo por mais vacas”

Fonte: *A Chegada* (2016, 0:14:53 - 0:14:58).

A resposta do professor de Berkeley, Sanders, de que a tradução de *gavisti* seria uma discussão, apesar de não estar errada, é simplista, seria uma tradução literal. Louise, no entanto, abordou a tradução da palavra pela sua origem, falando que *gavisti* significa “Um desejo por mais vacas” *A Chegada* (2016, 0:14:58). demonstrando não apenas seu conhecimento em linguística, mas sua intenção de

entender a cultura da outra parte e sua maneira de pensar (Kusumastuti, 2019). Considerando que o objetivo principal dos países na narrativa do filme é manter a paz e que uma das principais barreiras para uma comunicação efetiva é a falta de consideração do contexto ou conotação de uma palavra (Barna, 1994), em uma paisagem caótica como a apresentada no filme, onde qualquer mal-entendido possa levar a uma guerra, a tradução de Louise que levava em conta o contexto cultural, estava mais próxima da necessidade do exército estadunidense (Kusumastuti, 2019). Portanto, o general Sanders a contrata e a leva até o lugar onde a nave aterrissou.

Sendo assim, Louise se tornaria a mediadora entre os seres humanos e os alienígenas. Inicialmente, é importante lembrar que a mediação é definida neste trabalho como um processo no qual uma terceira pessoa, com consentimento de ambas as partes, as auxilia a prevenir, gerir e resolver um conflito (ONU, 2012). Construindo esse processo pela narrativa do filme, os seres humanos seriam uma parte (Parte 1), os alienígenas a outra (Parte 2) e Louise então, seria essa terceira pessoa que atuaria no processo de comunicação entre eles.

Nesse contexto, seria relevante saber, primeiramente, se o processo de mediação poderia ser usado para resolver o problema em questão, levando em conta que para que ele aconteça é necessário que ambas as partes estejam dispostas a alcançarem um acordo (ONU, 2012). Por esse motivo, é essencial que uma comunicação seja estabelecida entre as duas partes, para entender principalmente suas intenções, para que o processo de mediação ocorra de modo eficiente.

Retornando à narrativa, como em todo processo de mediação eficaz, é necessária a presença de uma equipe para acompanhar o mediador (ONU, 2012), Louise, então, conhece a equipe que liderará, assim como Ian Donnelly, um físico também convocado pelo exército estadunidense para compreender as criaturas através de um ponto de vista científico. Em sua primeira interação com os alienígenas, Louise e Ian vão para a “concha”, nome dado pelo exército estadunidense às naves, e tentam obter algum tipo de resposta. Durante essa interação, é mostrado o nervosismo dos dois personagens ao verem as criaturas pela primeira vez e, ao final desse primeiro contato, nenhum deles consegue iniciar o processo de comunicação.

Barna (1994) descreve o alto nível de ansiedade ou estresse como uma situação que é muito comum em encontros interculturais, pois dentro dessas interações há muitas incertezas e pré-julgamentos que resultam em ansiedade. Podemos inferir que tanto o conceito já existente de um ser alienígena na concepção

deles, quanto a novidade daquela situação, aumentaram a ansiedade. A ansiedade, por sua vez, impacta todas as outras barreiras, aumentando-as de proporção, deixando-os mais propensos ao erro (Barna, 1994) impedindo qualquer tentativa de comunicação.

Com o mundo cada vez mais caótico e o exército sendo pressionado a tomar alguma ação, Louise tenta novamente, com a ansiedade um pouco mais controlada. A protagonista aparece, dessa vez, segurando um pequeno quadro branco, a cena acontece da seguinte maneira (QUADRO 6):

Quadro 6 - Diálogo 6

Diálogo 6	
Weber	“Pra que isso?”
Louise	“Auxílio visual”
Louise	“Senhor nunca vou conseguir falar a língua deles, isso se eles falarem, mas talvez tenham algum tipo de língua escrita ou base para comunicação visual”

Fonte: *A Chegada* (2016, 0:36:14 - 0:36:26)

Esse diálogo evidencia uma barreira para comunicação intercultural muito importante, o ato de assumir semelhanças (Barna, 1994). Mitchell (2006) declara que os seres humanos são prisioneiros de sua própria cultura, ou seja, que pensamos e agimos como o meio em que crescemos. Essa relação pode ser prejudicial no processo de comunicação com seres de outras culturas, a partir do momento em que há uma concepção de que as culturas são semelhantes o suficiente para que a comunicação ocorra com fluidez (Barna, 1994).

No filme, os pesquisadores assumem que os aliens estão tentando falar com eles e, de uma certa maneira, assumem que eles se comunicam oralmente, pois é assim que os seres humanos se comunicam. Conforme argumentado por Barna (1994), os seres humanos têm essa propensão de assumir que todos são iguais. Ao trazer o quadro branco, e declarar “(...) isso se eles falarem” (*A Chegada*, 2016, 0:36:26) Louise entende que talvez seus modos e métodos de comunicação sejam diferentes dos nossos e expande suas opções, tentando entender, primeiramente, como eles pensam.

Essa técnica se mostra eficiente pois em sua segunda visita a “concha”, levando o quadro, escrevendo a palavra “humano”, apontando para si mesma e para os humanos ao redor, os *heptapods* parecem a compreender e a respondem através de uma figura circular. Depois dessa resposta, ocorre o seguinte diálogo:

Quadro 7 - Diálogo 7

Diálogo 7	
Weber	“Eu não quero menosprezar o seu sucesso lá, mas Dra. Banks, será que é a abordagem certa? Tentar ensiná-los a falar e a ler, vai demorar demais.”
Louise	“Está errado. É mais rápido.”
Weber	“Tudo que a senhora faz lá, eu tenho que explicar para uma sala cheia de homens, que vão perguntar na hora: ‘como usarão isso contra nós?’. Preciso que explique melhor”
Louise	“Canguru.”
Weber	“O que é isso?”
Louise	“Em 1770, o navio do capitão James Cook encalhou na praia no litoral da Austrália e ele guiou um grupo pelo país onde encontraram o povo aborígine. Um dos marinheiros apontou para os animais que pulavam e botavam os filhotes nas bolsas e perguntou o que eram e os aborígenes disseram: ‘Canguru’”
Weber	“E o que é que tem”
Louise	“Foi só mais tarde que descobriram que ‘Canguru’ significa ‘Eu não entendi’.”
Louise	“Então, eu preciso disso para entender tudo lá dentro, caso contrário vai demorar dez vezes mais.”

Fonte: *A Chegada* (2016, 0:39:25 - 0:40:27)

Podemos interpretar essa cena através de dois processos, o de mediação e de comunicação. Se pensarmos sobre o processo de mediação ao todo, temos que considerar que é necessário que o mediador tenha uma boa preparação, ou seja, o mediador precisa ter o conhecimento e aptidão necessários e uma equipe de especialistas que tenha um apoio político, financeiro e administrativo (ONU, 2012). No caso da narrativa do filme, Louise lidera uma equipe que está sendo financiada pelo governo, então a avidez do Coronel Weber para saber detalhadamente o processo de abordagem de Louise para que possa explicar a seus superiores é justificável, já que esse apoio financeiro precisa continuar para que a mediação tenha uma conclusão favorável para ambas as partes. Nesse contexto, a ONU (2012) explicita que um bom mediador precisa resistir a estas pressões externas ao mesmo tempo em que desenvolve uma relação de confiança com seus parceiros. Colocando isso na narrativa, o governo está pressionando os pesquisadores a obterem uma resposta de maneira mais rápida, na concepção de Weber a abordagem de Louise era mais lenta, ou seja, a explicação da personagem era necessária para que o governo entendesse sua posição e sua relação com eles não fosse prejudicada.

Quando o processo de comunicação é mencionado, precisamos considerar que uma interação entre seres de diferentes culturas está propensa a ter mal-entendidos, criando barreiras que podem influenciar negativamente esse processo (Thomas,

2010). O único jeito de evitar isso é ter o conhecimento dessas barreiras e evitar cometer esses erros (Jayaswal, 2009). No exemplo (Quadro 7), Louise fala sobre a interpretação errônea da palavra “canguru” em que a mesma admite que não é verídica, porém ilustra muito bem sua abordagem. Pegando um quadro e escrevendo a palavra “humana” enquanto aponta para si e para os outros humanos presentes na concha, Louise quer ter certeza de que eles entenderam que “humanos” são de fato os seres humanos, e que as duas partes compreendem esses termos da mesma maneira, evitando mal-entendidos que podem prejudicar o processo posteriormente.

Outra situação onde a abordagem de Louise é questionada em razão da preocupação com o tempo, é a do exemplo a seguir (Quadro 8), um diálogo entre Louise e o Coronel Weber em que ele questiona quais são os vocábulos que ela escolheu para ensinar aos aliens, ela o mostra e Weber acredita que são palavras muitos simples, de alfabetização como ele mesmo as classifica, Louise então o responde o seguinte:

Quadro 8 - Diálogo 8

Diálogo 8	
Louise	“ ‘Qual é o seu propósito na terra?’ , aqui é onde queremos chegar certo?”
Weber	“Essa é a pergunta.”
Louise	“Então, primeiro temos que garantir que eles entendam o que é uma pergunta, tá? A natureza de um pedido de informação seguido de resposta, depois temos que explicar a diferença de um propósito de alguém e um propósito coletivo, porque nós não queremos saber porque um certo alien veio para cá, queremos saber porque todos vieram e ‘propósito’ requer a compreensão de intenção, nós temos que descobrir se fazem escolhas conscientes ou se a motivação é tão instintiva que nem sequer vão entender quando perguntamos ‘por que?’ E o mais importante, temos que passar vocabulário suficiente para eles para entendermos a resposta.

Fonte: *A Chegada* (2016, 0:42:33 - 0:43:24)

Nesse diálogo (QUADRO 8), a protagonista evidencia novamente a significância de uma comunicação realmente efetiva. Quando Louise procura saber o que os alienígenas interpretam como uma pergunta, ela não apenas assume que talvez as criaturas tenham uma cultura diferente e percebam o conceito de pergunta de maneira distinta, impedindo compreensões errôneas, evitando uma barreira na comunicação (Barna, 1994), assim como no diálogo 6 (QUADRO 6) exposto nesta pesquisa, como também, remonta ao entendimento de que a língua e a cultura estão interligadas (Agar, 1994).

Em 1921, Edward Sapir (1921) afirmou que o vocabulário de uma língua reflete a cultura a cujos propósitos ela serve, se uma sociedade não tem conhecimento sobre algo, ela não sentirá a necessidade de nomeá-lo. Trazendo uma percepção mais recente, Ivanova (2018) declara que a falta de palavras ou expressões que não possuem um equivalente direto em uma língua, pode ser explicada pela falta de noção-alvo no ambiente da língua. Ou seja, Louise quer ter certeza de que os alienígenas entendem a compreensão dos humanos sobre uma pergunta, se esse conceito existe em sua cultura e, por conseguinte, sua língua. Ela precisa deixar claro o que isso significa para os humanos, para que a outra parte reconheça e tente assimilar com alguma palavra de seu vocabulário. As palavras que não tenham um equivalente direto, ela terá que os ensinar e ter a segurança de que o significado compreendido por eles é o mesmo que o compreendido pelos humanos.

Voltando à narrativa, entendemos que a urgência do Coronel Weber com o tempo, no entanto, é justificável. Focando um pouco nos assuntos externos que ocorrem ao redor do processo, podemos observar que a demora em estabelecer comunicação com os alienígenas, está fragilizando cada vez mais o processo de mediação. Observamos no seguinte diálogo (QUADRO 9) entre Louise e o agente Halpern, a tensão crescente entre os países envolvidos.

Quadro 9 - Diálogo 9

Diálogo 9	
Halpern	“O problema é que nem todos compartilham nossa posição de abertura com os alienígenas”
Halpern	“Conhece o general Shang? Ele está reunindo forças em Shangai e pelo menos quatro outros países devem acompanhar”

Fonte: *A Chegada* (2016, 0:41:45 - 0:41:57)

Uma das bases para o processo de mediação é o consenso de ambas as partes do conflito em buscar uma solução por meio da negociação (ONU, 2012) ou seja, a mediação só será realmente efetiva se as duas partes quiserem chegar a um acordo de forma pacífica. Podemos considerar que na narrativa do filme as partes da mediação estão divididas entre parte 1: os seres humanos e parte 2: os alienígenas, também podemos considerar que a parte 1 é formada pelos 12 países onde a nave aterrisou. Sendo assim, se torna necessário que todos os países envolvidos concordem com o processo de mediação. Entretanto, a China e potencialmente outros países, estão começando a considerar a utilização de força militar contra os

heptapods, ameaçando o consentimento requerido para o processo. A tensão criada pela demora no processo de comunicação faz com que haja uma possível necessidade de uma tentativa de negociação entre os 12 países, antes que eles optem por uma resposta mais bruta, acabando com o processo de mediação.

Com a pressão por uma resposta a fim de evitar a escalada do conflito. Louise, Ian e suas respectivas equipes voltam a concha. Após ficarem com dúvidas sobre a resposta dos alienígenas e se as criaturas tinham de fato os entendido, a protagonista começa a retirar seu equipamento de proteção e se aproxima da tela na seguinte cena (QUADRO 10):

Quadro 10 - Diálogo 10

Diálogo 10	
Ian	“O que está fazendo?”
Louise	“Ian, tudo bem”
Marks	“Você tá maluca?”
Louise	“Eles têm que me ver”

Fonte: *A Chegada* (2016, 0:45:10 - 0:45:13)

Podemos interpretar essa cena (QUADRO 10) por alguns ângulos. Primeiro é necessário lembrar que um bom mediador consegue, através de uma abordagem profissional, oferecer uma zona de conforto para as partes, transmitindo confiança (ONU, 2012). Essa competência é indispensável se considerarmos que muitas das barreiras para uma comunicação efetiva são criadas ou reforçadas a partir desse desconforto (Barna, 1994). Sendo assim, podemos depreender que ao tirar os equipamentos e afirmar “Eles têm que me ver” (*A Chegada*, 2016, 0:45:13), Louise demonstra para as criaturas que ela confia nelas e está disposta a estabelecer uma relação pacífica com elas.

Além disso, podemos afirmar que a observação da postura, expressões e contato visual é extremamente importante para a resolução de conflitos, pois permite que o mediador capte significados que vão além das palavras, enriquecendo sua compreensão da situação e das emoções envolvidas (Neto, 2018), então observando de perto os alienígenas, a protagonista consegue entendê-los melhor, considerando que as interações não-verbais também são um tipo de comunicação que é impactada pela cultura (Barna, 1994). O resultado dessa abordagem é relatado por um dos agentes que diz que foi a primeira vez que houve um progresso substancial.

Apesar dos progressos significativos, os países ainda não têm a resposta para a pergunta: “Qual é o seu propósito na Terra?”. A situação no mundo está ainda mais caótica, a China, um dos 12 países, já mobilizou forças e a Rússia se juntou a ela. Em razão disso, Louise teve que fazer a pergunta aos *heptapods* no meio do seu processo de comunicação. A resposta dessa pergunta foi o grande ápice do filme e grande escalada da situação narrada por ele, ameaçando todo o processo de mediação. Foi com essa resposta, no entanto, que podemos enxergar, mais uma vez, a relevância da compreensão intercultural e a importância de todos os passos da abordagem de Louise até aqui.

Quadro 11 - Diálogo 11

Diálogo 11	
Weber	“O que ele disse?”
Louise	“Oferta de arma”
Soldado	“Mas você viu o que escreveram”
Louise	“Usando uma palavra que eles não entendem”
Ian	“Pode ser um pedido”
Marks	“Ou um aviso”
Weber	“Já chega! Louise...”
Louise	“Não sabemos se eles entendem a diferença entre arma e ferramenta, a língua, como a nossa cultura é confusa e, às vezes, uma palavra quer dizer duas.”

Fonte: *A Chegada* (2016, 1:06:48 - 1:07:20)

Para começarmos a analisar essa cena (Quadro 11), temos que primeiro relembrar que um idioma diferente é um dos fatores que pode prejudicar a compreensão intercultural. Uma pessoa que reconhece que não sabe outro idioma ou que tem dificuldades nele tem a noção de que a comunicação pode estar comprometida de alguma forma, o verdadeiro problema é quando a pessoa se apega a apenas um significado de uma palavra ou uma frase, sem considerar a conotação ou o contexto (Barna, 1994). Na cena acima (Quadro 11), há uma tensão com a palavra arma, pois os participantes estão apegados apenas ao contexto em que eles estão inseridos, por essa razão o soldado diz: “Mas você viu o que escreveram” (*A Chegada*, 2016, 1:07:04), embasado por seu próprio contexto.

Porém, podemos definir a língua como o reflexo das atitudes e crenças dos falantes, ou seja um reflexo de sua cultura (Kramsch, 1998), se uma língua não possui uma noção-alvo de uma palavra ou expressão em seu ambiente, ela não terá equivalente direto para aquela palavra ou expressão, assim como é fácil encontrar em

uma outra língua, palavras equivalentes que possuem significados ou pesos diferentes de acordo com sua maneira de ver o mundo (Ivanova, 2018), por exemplo, uma das definições da palavra “vermelho” em russo, de acordo com o dicionário Ozhegov é a seguinte: “3) (poético) refere-se a algo belo, justo ou bom” (Ozhegov apud Ivanova, 2018 p. 3.), mas também pode ser: 1) a cor do sangue, morango silvestre, a cor de uma flor de papoula; (Ozhegov apud Ivanova, 2018 p. 3.). Por essa razão, Louise o rebate dizendo “Não sabemos se eles entendem a diferença entre arma e ferramenta, a língua, como a nossa cultura é confusa e, às vezes, uma palavra quer dizer duas”, ou seja, assim como o “vermelho” é uma cor e um adjetivo para os russos, a “arma” pode ter o mesmo sentido que eles conhecem ou ser apenas uma ferramenta.

A situação com outros 11 países envolvidos também escala, países como China e Rússia cortam sua conexão com o restante das nações e a China ameaça as criaturas, dando-as um ultimato, dizendo que se eles não saíssem de seu território até o próximo dia, o país retaliaria. A Organização das Nações Unidas (2012), explica que um país pode relutar em aceitar o processo de mediação por acreditar que a outra parte apresenta uma ameaça à soberania e aos assuntos internos do país e é isso que a China faz no contexto do filme temendo um ataque a sua soberania ela cessa o processo de mediação.

No entanto, o problema se encontra no fato de que para uma mediação funcionar, as duas partes da negociação têm que concordar com o seu processo (ONU, 2012) como já mencionado, os 12 países compõem uma parte da negociação (Parte 1), ou seja, se um país não concordar e optar pelo uso da força bélica, todo o processo será comprometido. Agravando ainda mais a situação, os Estados Unidos tiveram sua confiança abalada pela tradução da palavra “arma” e logo depois por uma mensagem da tradutora russa que dizia que em sua última sessão eles disseram: “não há tempo... muitos se tornam um” (*A Chegada*, 2016, 1:23:22 - 1:23:25) e apesar de Louise falar que essa frase pode ser interpretada de vários jeitos e que eles deveriam tentar se comunicar novamente com os alienígenas, os Estados Unidos já tinham se desconectado dos outros países. A partir dessa fase do filme, a comunicação e mediação narrada é focada no processo de mediação entre os países da parte 1.

Se seguirmos o exemplo de Louise de realmente compreender o contexto e a cultura da outra parte, podemos interpretar a posição defensiva dos países como um retorno à frase de Marjorie Mitchell de que “Todos os seres humanos são prisioneiros

de sua cultura” (Mitchell, 2006, p. 2), ou seja, todos os seres humanos interpretam o mundo através de seus próprios padrões de comportamento (Hall, 1959). Sendo assim, podemos concluir que a História da sociedade e o fato dela ser marcada por conflitos locais, nacionais e internacionais (Vasconcelos et al., 2023), teve um impacto em suas decisões.

De fato, na narrativa, a História da sociedade é mencionada como justificativa algumas vezes. Por exemplo, logo após o diálogo 7 (Quadro 7), o Coronel Weber menciona: “E lembre-se do que houve com os aborígenes, uma raça mais avançada quase os dizimou” (*A Chegada*, 2016, 0:40:37 - 0:40:44), e depois do Diálogo 11 (Quadro 11) onde o Agente Halpern menciona que as criaturas podem estar tentando deixar um país contra o outro e quando Louise o rebate dizendo que eles não têm prova disso ele diz: “Nós temos sim, é só ler livros de História, Ingleses com a Índia, alemães com a Ruanda... Existe até um termo para isso na Hungria” (*A Chegada*, 2016, 0:40:37 - 0:40:44). Os dois exemplos utilizam a própria cultura para justificar uma possível ação de uma outra.

Para chegar a um acordo entre esses países e evitar que o conflito se desenvolva para uma guerra entre os humanos e os *heptapods*, torna-se necessário esclarecer o que os alienígenas quiseram dizer, para que assim os países pudessem ter uma confirmação concreta do verdadeiro objetivo deles. Quando ela consegue se comunicar efetivamente, Louise descobre que a “arma” que eles queriam oferecer era o conhecimento linguístico deles e fazer com que os países cooperassem e trabalhassem juntos.

Antes da conclusão desta subseção, é importante esclarecer que para a narrativa do filme, a Hipótese Sapir-Whorf é fundamental e, inclusive, é citada em uma das cenas. A “Hipótese Sapir-Whorf” foi criada em 1950 pelo linguista e antropólogo Edward Sapir e seu aprendiz Benjamin Lee-Whorf, sendo uma combinação do pensamento de que a língua pode determinar o pensamento, denominada de determinismo linguístico, e relatividade linguística que diz que não há limites para a diversidade cultural (Lyons, 1981 *apud* Flory, 2012). Ela implica na influência da língua no pensamento e percepção, ou seja, que cada falante de distintas línguas pensa e percebe a realidade de uma maneira diferente e que cada língua tem seu próprio ponto de vista do mundo (Hussein, 2012).

A grande crítica a essa teoria é o pensamento de que se a realidade é percebida e estruturada pela língua em que falamos, então a existência de um mundo

objetivo é questionável e todos os avanços científicos já feitos viram subjetivos. Portanto, a hipótese se tornou um objeto de controvérsia em vários campos científicos além da linguística, como, Psicologia, Etnologia, Antropologia, Sociologia, Filosofia e Ciências Naturais (Hussein, 2012).

A análise de Hussein (2012), sobre esse objeto, depois de exemplificar e construir o ponto de vista dos dois autores sobre o assunto, foi de que a hipótese não estava totalmente certa, mas também não estava totalmente errada, afinal é um fato irrefutável de que a língua que falamos exerce uma influência em nossos pensamentos e em criar uma realidade, a verdadeira pergunta é até que ponto ela faz isso.

Por se tratar de um filme de ficção científica, *A Chegada* apresenta uma liberdade artística para colocar a hipótese na narrativa de maneira contundente. Entretanto, esse trabalho, aproveitando da natureza da etnografia de tela, que possibilita usar o referencial teórico, experiências, percepções e impressões do autor para interpretar o filme (Colins; Lima, 2020), analisa os diálogos extraídos sob a óptica das teorias de mediação internacional, comunicação intercultural e da relação entre língua e cultura.

Foi através dessa visão que pudemos concluir, através da observação dos diálogos nesta subseção, que o conhecimento intercultural de Louise e sua vontade e esforço para aprender mais sobre a cultura dos alienígenas, permitiu a quebra de diversas barreiras de comunicação e fez com que ela compreendesse a mensagem que as criaturas queriam passar. Através desse conhecimento, a protagonista pôde pensar no melhor jeito de passar essa informação para as outras nações da parte 1 e evitar uma guerra.

4.3. A IMPORTÂNCIA DA COMPETÊNCIA INTERCULTURAL NA MEDIAÇÃO E NEGOCIAÇÃO INTERNACIONAL

A partir da análise dos dados extraídos do filme *A Chegada*, objeto de estudo deste trabalho, esta subseção aponta breves exemplos da competência intercultural na mediação e negociação em casos reais, mostrando sua relevância para o processo, de uma maneira mais prática. Além disso, essa subseção também evidenciará a importância da competência intercultural para o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI), comparando a

personagem Louise Banks com o perfil profissional de um(a) estudante e egresso do curso LEA-NI.

Como visto na subseção anterior, o conhecimento intercultural de Louise foi crucial para a resolução do conflito e a manutenção da paz. Para reforçar os exemplos dos diálogos retirados do filme, serão mostrados aqui alguns exemplos de interações reais entre duas origens culturais distintas, em que os aspectos culturais tiveram um grande impacto em seu desenvolvimento de contato e seus paralelos com os diálogos selecionados.

Em seu livro *The Silent Language*, Hall (1959) evidencia alguns casos de interações internacionais em que podemos observar a relevância do conhecimento intercultural. O primeiro exemplo mostrado por ele é de uma missão dos Estados Unidos na Grécia, em que os estadunidenses estavam com dificuldade de estabelecer um acordo com os oficiais gregos. Posteriormente, com o objetivo de descobrir o motivo da resistência e desconfiança dos gregos com os estadunidenses, eles consideraram duas situações: a primeira era o orgulho dos estadunidenses em serem francos e diretos, os gregos, no entanto, viam essa atitude como uma falta de delicadeza, o que os gregos culturalmente desprezam.

A segunda situação relatada foi a limitação do tempo imposta pelos estadunidenses em suas reuniões com os gregos e sua estratégia de chegar a acordos sobre princípios gerais primeiro, delegando a elaboração de detalhes aos subcomitês. Os gregos enxergaram essa situação como uma tentativa de os enganar, considerando que eles têm o costume de negociar todos os detalhes na presença de todos os envolvidos e não estipular um tempo limite para a reunião (Hall, 1959).

Podemos considerar várias cenas apresentadas na subseção anterior, mas focando no grande catalisador da narrativa, a cena da arma (Quadro 11), podemos fazer algumas comparações com o exemplo acima. Vemos o filme através do ponto de vista dos seres humanos (Parte 1), em que eles não conhecem e nem entendem a cultura dos *heptapods*, porém, temos que considerar a hipótese de que os alienígenas também não conhecem a cultura dos seres humanos. A maneira, ou melhor, palavra que as criaturas usaram, pode ser alarmante para uma cultura que foi formada por conflitos de ideias ou interesses entre povos de diferentes origens que, na maioria das vezes, acabou em confrontos ou até em guerras (Rodrigues; Nere; Souza, 2023), mas os alienígenas não sabem disso, pois na cultura em que estão habituados, essa palavra não tem o mesmo peso.

Podemos inferir, no entanto, que essas situações não aconteceram por malícia e sim por ignorância (Hall, 1959). O ato de assumir semelhanças descrito por Barna (1994) está muito ligado a isso, à falta de conhecimento da cultura da outra parte, o que faz com que as pessoas interpretem o mundo através de seus próprios valores (Hall, 1959) e, ainda, com que tenham a convicção de que as pessoas são totalmente iguais e pensam e interpretam da mesma maneira (Barna, 1994). Os gregos enxergavam a atitude dos estadunidenses através de sua própria cultura e os estadunidenses, por sua vez, não enxergavam como a atitude deles era vista pelos gregos. Por essa razão Hall (1959) declara que:

Não somos apenas totalmente ignorantes do que é esperado em outros países, como também somos igualmente ignorantes sobre o que estamos comunicando a outras pessoas através de nosso comportamento habitual (Hall, 1959, p. 14. Traduzido pela autora)¹².

Podemos interpretar que esse foi mais um dos motivos de Louise querer que os alienígenas os entendessem. Além das ideias discutidas no diálogo 7 (Quadro 7) da subseção anterior, quando Louise mostrou a placa escrito “humano” para as criaturas, enquanto apontava para si mesma e para os outros humanos e mostrou o sentido daquela palavra para os humanos, ela estava mostrando o peso que essa palavra tem na cultura humana. Talvez, se Louise tivesse mais tempo, ela poderia ter mostrado o peso que a palavra “arma” tem para os seres humanos e os *heptapods*, tendo esse conhecimento, tentariam se comunicar de outra maneira.

Outro exemplo de uma interação mal sucedida em razão da falta de conhecimento intercultural é a descrita por Agar (1994), que conta um relato de uma festa na Áustria onde dois amigos do autor que conheciam a gramática alemã muito bem, falaram alemão de um jeito tão estadunidense, que os austríacos os acharam maçantes. O autor afirma que o patriotismo exacerbado dos estadunidenses e a resistência de conhecer outras culturas, acaba prejudicando a comunicação dos estadunidenses com estrangeiros.

Colocando outro exemplo do filme, depois dos acontecimentos do diálogo 11 (Quadro 11), surgem várias hipóteses das intenções dos alienígenas. Louise tenta rebater uma hipótese de que as criaturas estavam fazendo os países brigarem entre si para os enfraquecer, o agente que sugeriu essa intenção, oferece exemplos de

¹² Texto original: *We are not only almost totally ignorant of what is expected in other countries, we are equally ignorant of what we are communicating to other people by our own normal behavior.* (Hall, 1959, p. 14)

conflitos que aconteceram para fortalecer sua posição. O problema é que ele oferece exemplos de coisas que aconteceram dentro do planeta terra, em sua própria cultura, ele não tenta entender a cultura dos *heptapods*, ele apenas acredita que conhece baseando-se em sua própria cultura. Podemos concluir que, como observado por Agar (1994) a resistência a conhecer outras culturas prejudica a comunicação.

Sendo assim, utilizando sua experiência pessoal, Hall (1959) afirma que observando os estadunidenses selecionados para trabalhar no estrangeiro, seja em trabalhos públicos ou privados, a falta de uma seleção minuciosa é preocupante. Ele afirma que muitas das dificuldades encontradas em missões vêm do pouco conhecimento das diferentes culturas. Ele conclui que os membros que forem escolhidos para trabalhar com a interação intercultural devem não apenas serem ensinados a falar e ler a língua do país de destino, como também devem ser ensinados sobre a cultura do país.

Ademais, após a análise feita na subseção anterior, observamos o quão fundamental foi o conhecimento intercultural de Louise no processo de mediação. No entanto, um profissional com essas qualidades atuando nesse campo, não é uma novidade. Na Segunda Guerra Mundial, muitos antropólogos ficaram à frente de negociações no sudoeste do Pacífico, especialmente com japoneses. Muitas das sugestões dadas por eles foram atendidas, porém algumas ficaram esquecidas com a chegada da paz (Hall, 1959).

Entretanto, esse período foi fundamental para os estudos acadêmicos no âmbito cultural, pois foi nesse período em que eles chegaram à conclusão de que a cultura é mais do que uma peça de roupa que pode ser facilmente trocada ou rasgada, ou seja, se comunicavam com pessoas que tinham uma maneira completamente diferente de pensar e de organizar a vida, além de um ponto de vista totalmente diferente sobre a família, o estado, o sistema econômico e o próprio homem. O grande problema na época, era explicar isso aos grandes líderes em um período onde grandes inovações eram vistas como uma ameaça ao sistema econômico (Hall, 1959), assim como Louise, no ano de 2016, teve dificuldade de explicar isso aos generais do filme.

Quando observamos as ações de Louise no processo de mediação, podemos traçar diversos paralelos com a realidade, como foi mostrado na subseção anterior. Comparando sua conduta profissional, também podemos identificar paralelos. Considerando uma das orientações aos mediadores expostas nas Diretrizes para uma

Mediação Eficaz, é declarado que o mediador deve possuir as seguintes competências:

Conhecer as abordagens culturais específicas para negociação e comunicação, utilizando-as para o maior benefício do processo; e estabelecer ligações e fornecer apoio a negociadores de paz locais. Sempre que apropriado, basear-se em formas locais de gestão de conflito e resolução de disputas. (ONU, 2012, p. 18).

Ligando essa orientação à personagem, observamos na subseção anterior a insistência de Louise para saber mais sobre as criaturas com quem tentavam se comunicar. De fato, desde o início, no diálogo 3 (Quadro 3), em que Louise exige que ela se encontre pessoalmente com eles, vemos que ela precisa estar em contato direto com eles, para conhecer a sua cultura, para entender como eles agem, para assim, criar uma abordagem confortável para as duas partes. Observamos também, no diálogo 10 (Quadro 10), quando a protagonista retira o equipamento de proteção e se aproxima dos alienígenas, ganhando sua confiança, em suma, estabelecendo ligações.

Para enxergar seu peso em situações da realidade, podemos aplicar essa orientação ao exemplo dos gregos e estadunidenses dado por Hall (1959). Podemos inferir que os estadunidenses deveriam ter estudado a cultura de negociação usada pelos gregos, além da cultura da própria sociedade, assim eles teriam mais probabilidade de chegar em um acordo benéfico ou de, pelo menos, abrirem uma porta para futuras conversas.

Reconhecendo o papel fundamental do conhecimento intercultural evidenciado até aqui, não apenas na mediação internacional como também nas interações em geral, e tendo conhecimento de que vivemos em um mundo que teve um grande avanço do multiculturalismo, torna-se necessário aprender a trabalhar em conjunto com culturas diferentes e vivenciar novas realidades (Kunsch, 2017).

Portanto, nesse mundo multicultural com um mercado de trabalho que apresenta uma diversidade intercultural imensa como o atual (Agar, 1994), a formação de profissionais que possam ser referência nesse mercado é de grande valor. Consequentemente, em 1973, na França, foi criado o curso de *Langues Étrangères Appliquées*, com o objetivo de oferecer um curso interdisciplinar e profissional, apresentando dois idiomas estrangeiros com a intenção que o aluno os aplicassem em sua carreira profissional, sem especificar qual seria essa carreira (Crosnier, 2002).

No Brasil, através de convênios assinados entre a Universidade Estadual de Santa Cruz e a Universidade de La Rochelle, na França, com o apoio da embaixada da França no Brasil, o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI) chegou no começo dos anos 2000 à Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) na Bahia. A missão principal do curso é formar profissionais que tenham um amplo conhecimento geral, sendo capazes de analisarem situações de conflitos, preparando-os para atuar como intermediadores no mundo globalizado (Dalben, 2011).

Tendo esse conhecimento do curso e analisando a abordagem de Louise e vendo como seu processo de mediação foi exitoso, abrimos um espaço nesta subseção para discutirmos e compararmos as ações da protagonista com os objetivos encontrados no Projeto Pedagógico do Curso (2017) de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais - LEA-NI da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

No PPC do curso de LEA-NI da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), consta a seguinte afirmação:

(O Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI) visa a formar um bacharel com competências em línguas estrangeiras aplicadas e com conhecimentos específicos para atuar em mediações interculturais nos âmbitos do turismo, do direito, do comércio exterior e dos negócios, com visão interdisciplinar e glocal, disposto a atuar priorizando a técnica, o profissionalismo, a ética, o respeito, a diversidade cultural, a responsabilidade social e a sustentabilidade. (UFPB, 2017, p.19)

Podemos observar que o curso mira nas mediações interculturais em vários âmbitos, sem focar em apenas um, devido a sua natureza interdisciplinar. Em sua atuação profissional, podemos destacar a diversidade cultural como prioridade, o conhecimento da diversidade de diferentes tipos de sistemas de modelos ou percepções sobre o funcionamento do mundo compartilhados pelos membros de uma sociedade (Mitchell, 2006) e em sua relevância para as interações interculturais.

A partir da análise da subseção anterior, podemos inferir que Louise entende isso muito bem. Vemos, por exemplo, no diálogo 6 (Quadro 6) e 8 (Quadro 8) que ela demonstra considerar que os *heptapods* podem se comportar de maneira diferente, pois apresentam uma cultura distinta. Ao aceitar a possibilidade dessa diferença cultural, o processo se torna mais claro.

Também se torna útil ao final, no diálogo 11 (Quadro 11), na tradução da palavra “arma” que abriu margem para várias discussões. Quando voltamos a cena já

discutida neste trabalho das hipóteses das intenções dos alienígenas e como muitas eram embasadas em experiências ligadas à própria cultura do personagem que a fazia, foi o reconhecimento de Louise de que os alienígenas pudessem ter uma maneira de pensar e uma cultura distinta da dos humanos, que fez com que ela buscasse mais informações e impedisse a escalada do conflito.

Quando verificamos o objetivo geral do curso, temos o seguinte:

Desenvolver competências para o exercício profissional no âmbito das negociações internacionais, através do conhecimento de três línguas estrangeiras e de suas implicações interculturais, além do conhecimento em conteúdos profissionais específicos (UFPB, 2017, p. 18)

Na frase “através do conhecimento de três línguas estrangeiras e de suas implicações interculturais” (UFPB, 2017, p. 18), observamos o reconhecimento da importância da cultura na língua. Como já discutido nesta pesquisa, a língua é o reflexo das atitudes e crenças dos falantes (Kramsch, 1998), então não podemos trabalhar uma língua sem trabalhar sua cultura, afinal, somente um vasto conhecimento da língua não ajuda o estudante a não cometer gafes (Dalben, 2011).

Vemos que Louise, que leciona em uma universidade, utiliza a cultura ao ensinar sobre a língua portuguesa no diálogo 2 (Quadro 2), quando apresenta o modo em que os portugueses viam a língua. É evidente que por questão de ritmo, tempo e até relevância para a narrativa, o telespectador não consegue ver uma aula completa, porém, somente com as frases do diálogo 1 (Quadro 1) e 2 (Quadro 2), vemos como ela utiliza essa competência em suas aulas.

Na seção de competências, atitudes e habilidades do PPC, consta o seguinte:

Destacam-se, portanto, as dimensões de comunicação, assessoria, mediação e coordenação, que se referem ao desenvolvimento da competência comunicativa voltada para os processos de negociações internacionais, bem como conhecimentos gerais do mundo das organizações e de seus contextos culturais, em que a língua estrangeira atue na realização de diálogos, intercâmbios e operações (UFPB, 2017, p.20).

Esse texto demonstra a visão do curso de LEA-NI da UFPB sobre o processo de negociação internacional, destacando novamente a presença dos conhecimentos gerais do mundo e seus contextos culturais e como eles, juntamente com a língua estrangeira, são um processo importante para a competência comunicativa.

Com efeito, observamos que Louise não apenas tinha um extenso conhecimento das línguas, como também, um rico conhecimento intercultural. Podemos inferir que esse fator foi um diferencial, não apenas em seu recrutamento (Quadro 5), como também, ajudou a prevenir a escalada do conflito em uma guerra

(Quadro 11). Como vimos na subseção anterior, sem o conhecimento intercultural Louise não conseguiria se comunicar com eles, ou ao menos descobrir como se comunicam e, com certeza, não conseguiriam parar a guerra.

No filme, Louise era formada em linguística, mas como inferido nesta subseção, ela apresenta muitas características descritas no PPC do curso de LEA-NI. Essas competências mobilizadas no referido curso, se mostraram extremamente úteis para o processo de mediação retratado no filme. Além de observamos o prejuízo da falta delas nos exemplos trazidos por Hall (1959) e Agar (1994).

Apesar de seres extraterrestres inteligentes viverem apenas na ficção científica, a globalização, as migrações, o multiculturalismo e os conflitos internacionais, fazem com que os encontros interculturais façam cada vez mais parte do nosso contexto social, econômico e político (Ramos, 2001). Além disso, com os conflitos exemplificados na subseção 4.1 dos Estados Unidos e da Rússia com uma grande possibilidade da atual guerra ser poderosa o suficiente para transformar estruturas de longos prazos no contexto internacional (Loureiro, 2022), podemos inferir que um profissional formado pelo LEA-NI, que apresenta as mesmas características de Louise tem um papel fundamental no mundo atual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos entender a relevância do conhecimento intercultural no processo de mediação internacional, tendo como pergunta de pesquisa: “O quão relevante é a compreensão intercultural no processo de mediação internacional?”. Para responder essa pergunta, utilizamos diálogos extraídos de cenas do *filme A Chegada* como objeto de análise, aplicando as teorias de Língua e Cultura, Comunicação Intercultural e Mediação Internacional apresentadas na fundamentação teórica, além de exemplos reais e concluímos que o conhecimento intercultural tem grande relevância no processo de mediação internacional.

Analizamos, da mesma forma, o processo de comunicação com os alienígenas, e como o conhecimento intercultural de Louise foi relevante para esse processo, afinal a comunicação eficaz é crucial para que a terceira pessoa possa auxiliar as partes a prevenir, gerir ou resolver um conflito (ONU, 2012). Através dos diálogos, dispostos nesta pesquisa em quadros, pudemos observar que o conhecimento intercultural de Louise foi um diferencial para o aprendizado da língua dos *heptapods*, confirmando a declaração de Agar (1994) de que não há comunicação sem cultura.

Também foi exposto nesta pesquisa a relação da ficção científica com a realidade e como ela faz com que o público faça uma reflexão sobre a sociedade em que vivem, assim evidenciado por Kusumastuti (2019) e concluído por Maracajá (2019), em sua pesquisa do mesmo filme. Ainda nessa percepção, foram apresentados exemplos da vida real que, assim como os diálogos, auxiliaram na percepção da importância do conhecimento intercultural na negociação e mediação, além de ir de acordo com a ideia de Jayaswal (2009) de que um receptor que vê o mundo de uma maneira distinta da do interlocutor pode interpretar o que foi dito de uma maneira equivocada, diferente do contexto original.

Por meio das teorias dispostas na fundamentação teórica e das cenas e situações analisada, evidenciamos também, o valor da competência intercultural para o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. Ademais, através da personagem Louise e sua semelhança com os objetivos e perfil profissional estipulado pelo curso, evidenciamos a relevância do curso de LEA-NI para o mundo multicultural em que vivemos.

Além disso, a pesquisa apresentou a presença da cultura em diversas áreas e nas diversas partes do processo da mediação, com a intenção de que o leitor desta

pesquisa olhe para este segmento com mais profundidade, conhecendo um pouco mais de sua complexidade e se sinta interessado em explorá-la ainda mais em projetos futuros.

Por fim, este trabalho aborda vários temas que podem ser mais profundamente explorados em futuras pesquisas. Estudos de caso sobre o conhecimento intercultural na mediação internacional, pesquisas sobre o relacionamento entre língua e cultura na área de tradução, outros filmes ou mídias que apresentam a relação da mediação e interculturalidade, são alguns exemplos de pesquisas que podem expandir os estudos feitos neste trabalho e contribuir ainda mais para o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

Sendo assim, esta pesquisa chega à conclusão, através dos conteúdos pesquisados e da análise dos diálogos do filme, que o conhecimento cultural de Louise foi um fator relevante para o êxito do processo de mediação entre os humanos e os alienígenas e entre os Estados Unidos e os demais países envolvidos. Ademais, comparando Louise aos formandos do LEA, é evidenciado a importância do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais na sociedade multicultural atual.

6 REFERÊNCIAS

A Chegada; Direção: Denis Villeneuve. Produção: FilmNation Entertainment; Lava Bear Films; 21 Laps Entertainment. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2016. Disponível em: <<https://www.primevideo.com/storefront>> Acesso em: 10 mar. 2025.

A CHEGADA. **IMDB**, 2016. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt2543164/>> Acesso em: 10 jan. 2025

ADLER, N. J. **International Dimensions of Organizational Behavior (2nd ed.)**. Boston: PWS-KENT Publishing Company, 1991.

AGAR, M. **LANGUAGE SHOCK / Understanding the Culture of Conversation**. 1 ed. Nova Iorque: HarperCollins, 1994.

AKBARI, M. The Role of Culture in Translation. **Journal of Academic and Applied Studies**. v. 3 p.13-21, 2013. Disponível em: <<file:///D:/Downloads/The%20role%20of%20cultural%20in%20translation.pdf>> Acesso em: 13 abr. 2024

ALIEN, o oitavo passageiro. Direção: Ridley Scott. Produção: Gordon Carroll; David Giler; Walter Hill. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1979.

ALLWOOD, J. Intercultural Communication. **Tvärkulturell kommunikation, Papers in Anthropological Linguistics 12**. Universidade de Göteborg, 1985. Disponível em: <<https://marstonhill.com/jens/publications/docs001-050/041E.pdf>> 10 abr. 2024

ARGYLE, M. Inter-Cultural Communication. In: BOCHNER S. (org.) **Cultures in Contact: Studies in Cross-Cultural Interaction**. Oxford: Pergamon Press, 1982. p. 61-80.

AUMONT J.; MARIE M. **A Análise do Filme**. Lisboa: Textos e Grafia, 2009.

BARNA, L. R. M. Stumbling blocks in intercultural communication. *In*: SAMOVAR, L; PORTER, R. (orgs.). **Intercultural Communication: A Reader**. Belmont: Wadsworth Publishing Company, p. 337-349, 1994. Disponível em: <<https://www.uwindsor.ca/ctl/sites/uwindsor.ca.ctl/files/stumbling-blocks-in-intercultural-communication.pdf>> Acesso em: 01 dez. 2024

BECKETT, A. In Canada, I saw how Trump is ripping North America apart – and how hard its bond will be to repair. **The Guardian**, 24 mar. 2025. Opinião. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2025/mar/24/canada-donald-trump-north-america-relationship>> Acesso em: 28 mar. 2025

CANCLINI, N. G. **DIFERENTES, DESIGUALES Y DESCONECTADOS: Mapas de la interculturalidad**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.

CHIANG T. **Stories Of Your Life And Others**. Nova Iorque: Tor books, 2002.

COLINS, A. T.; LIMA, M. G.. Etnografia de tela e semiopragmática: um diálogo entre metodologias de análise fílmica. **AVANCA CINEMA 2020**. p. 430-437, 2020. Disponível em: <[file:///D:/Downloads/Etnografia%20de%20tela%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/Etnografia%20de%20tela%20(1).pdf)> Acesso em: 15 mai. 2024

COSTA, F. C. Primeiro Cinema. *In*: MASCARELLO, F. (org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papirus, 2006, p. 17-55.

CROSNIER, E. De la contradiction dans la formation en anglais Langue Étrangère Appliquée (LEA). **ASP – La revue du GERAS**, Bordeaux, n. 35-36, 2002, p. 157-166. Disponível em: <https://journals.openedition.org/asp/1565>. Acesso em: 19 jan. 2025

DALBEN, T. P. S. A Importância da Interculturalidade e da Interdisciplinaridade no Ensino de Língua Inglesa para o Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. *In*: I Conel -Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, 2011, Vitória. **Anais**, 2011. Disponível em: <[file:///D:/Downloads/acarmelino,+tatianypertel%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/acarmelino,+tatianypertel%20(1).pdf)> Acesso em 27 abr. 2024

DE CARVALHO, C. V. O CINEMA COMO OBJETO DE ESTUDO ACADÊMICO. Política & Trabalho: **revista de ciências sociais**, [S. l.], v. 31, n. 31, p. 197–211, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6828>. Acesso em:

FLORY, E. V. “Na outra Língua se diz...”: um estudo de caso sobre o falar bilíngue. In: DANTAS, S. D. (org.). **Diálogos interculturais: reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais**. São Paulo: IEA/USP, p. 299-314. 2012. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pesquisa/grupos-pesquisa/dialogos-interculturais/publicacoes/dialogosinterculturais.pdf>> Acesso em: 18 mar. 2025

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2022.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29. Mai./Jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 mai. 2023.

GUERRA dos Mundos. Direção: Steven Spielberg. Produção: Kathleen Kennedy; Colin Wilson. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2005.

Global Growth: Divergent and Uncertain. **Fundo Monetário Internacional - FMI**. Jan. 2025. Projections Table. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2025/01/17/world-economic-outlook-update-january-2025>> Acesso em: 10 mar. 2025

HALL, E. **The Silent Language**. Nova Iorque: Doubleday & Company, 1959.

HOPKINSON, P. The Role of film in development. **Reports and papers on mass communication**, Paris, n.64, p. 1 - 54, 1971. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000003187>> Acesso em: 10 jan. 2025

HUSSEIN, B. A. S. The Sapir-Whorf Hypothesis Today. **Theory and Practice in Language Studies**. Finlândia, n.3, v.22, p. 642-646, 2012. Disponível em: [doi:10.4304/tppls.2.3.642-646](https://doi.org/10.4304/tppls.2.3.642-646)> Acesso em: 18 mar. 2025

INDEPENDENCE Day. Direção: Roland Emmerich. Produção: Dean Devlin. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1996.

IVANOVA, T. Culture specific words as a barrier in crosscultural communication in construction business. **MATEC Web of Conferences**, Moscou, v. 251, n. 06014, p. 01-08, dez. 2018. Disponível em: <https://www.matec-conferences.org/articles/mateconf/pdf/2018/110/mateconf_ipicse2018_06014.pdf> Acesso em: 20 nov. 2024

JAYASWAL, S. Barriers to intercultural communication. **Pragyaan: Mass communication, a bi-annual Journal**. p. 12-19, jun. 2009. Disponível em: https://web.archive.org/web/20240412230612/https://pragyaanmasscomm.iuu.ac/upload_dynamic_content/2009_June.pdf#page=17*. Acesso em: 14 dez. 2024. Conteúdo indisponível em mai. 2025

KRAMSCH, C. **Language and Culture**. Oxford: UOP Oxford, 1998.

KUNSCH, M. M. K. Comunicação Intercultural e Cidadania em Tempos de Globalização. **A Internacionalização das Comunidades Lusófonas e Ibero-Americanas de Ciências Sociais e Humanas**. p. 337-354, 1 ed. 2017. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002864684.pdf>> Acesso em: 26 abr. 2024

KUSUMASTUTI, F. Polysemy in and of the Science Fiction Film Arrival (2016). **Research in Social Sciences and Technology (RESSAT)**, Taiwan, v. 4, n. 1, p. 73-91, mai. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.46303/ressat.04.01.4>> Acesso em: 12 fev. 2025

LOUREIRO, F. A Guerra na Ucrânia: significados e perspectivas. **CEBRI**. Rio de Janeiro, p. 01-12, mar. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/directbitstream/f9556860-1aa2-4ba0-844c-d2ba84520e63/3075967+Felipe-CEBRI-Revista+A+Guerra+na+Ucr%C3%A2nia+significados+e+perspectivas.pdf>> Acesso em: 28 mar. 2025

LU, Z. How do Films Reflect our Societies Today? An Analysis of Films and Film Genres. **Communication, Society and Media**. v. 6, n. 4, p. 69 - 75, nov. 2023. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22158/csm.v6n4p69>>. Acesso em: 12 jan. 2025

MACMILLAN, M. Peacemakers: **The Paris Peace Conference of 1919 and Its Attempt to End War**. Londres: Hodder Hb; New Ed edition, 2003.

MARACAJÁ, R. D. S. A MULTIDISCIPLINARIDADE DO FILME “A CHEGADA”: UMA ANÁLISE DA OBRA PELA ÓTICA DA RELATIVIDADE LINGUÍSTICA E DA TRADUÇÃO. **TCC**, Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 56, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17934/1/RODRIGO%20DA%20SILVA%20MARACAJ%C3%81.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2024

MITCHELL, M. Cultural Differences. *In: Voice of Global Civil Society Conference*, 2006, Waterloo, Ontário, 2006. Disponível em: <https://www.uvic.ca/research/centres/globalstudies/assets/docs/publications/Cultural-Differences_Mitchell.pdf> Acesso em: 29 abr. 2024

MOREIRA, C. A. A Chegada, dirigido por Denis Villeneuve, e a ficção científica como espelho do imaginário social. **Interfaces Brasil/Canadá**. Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 17, n. 1, p. 195-199, 2017. Disponível em: <<file:///D:/Downloads/10635-Texto%20do%20artigo-38029-1-10-20170501.pdf>> Acesso em: 27 abr. 2024

NETO, A. R. AS TÉCNICAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NA MEDIAÇÃO. *In*. 14º Semana Acadêmica de Fadisma: Direito e Ciências Contábeis, 14., 2018, Santa Maria. **Anais eletrônico**. [...] Santa Maria, Fadisma, 2018, p 1 - 6. Disponível em: <<https://sites.fadisma.com.br/entrementesanais/wp-content/uploads/sites/7/2018/01/as-tecnicas-de-resolucao-de-conflitos-na-mediacao.pdf>> Acesso em: 15 dez. 2024

NEWARK, P. **A Textbook of Translation**. Nova Iorque: Prentice Hall, 1988.

O plano multimilionário de segurança do Ártico anunciado pela Dinamarca em meio à ameaça de Trump de controlar a Groenlândia. **BBC News Brasil**. 30 jan. 2025.

Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cwyw5jengy9o>> Acesso em: 10 mar. 2025

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Carta das Nações Unidas**. São Francisco, 1945. Disponível em: <<https://brasil.un.org/sites/default/files/2022-05/Carta-ONU.pdf>> Acesso em: 07 dez. 2024

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Diretrizes das Nações Unidas para uma Mediação Eficaz**. Nova Iorque, 2012. Disponível em: <<https://peacemaker.un.org/sites/default/files/document/files/2022/09/guidanceeffectivemediationundpa2012ptjun2015correction0.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2024

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **História da ONU**. Nova Iorque, 2024. Disponível em: <<https://unric.org/pt/historia-da-onu/>>. Acesso em: 10 mar. 2025

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE. **What is NATO?**. Nova Iorque, 2025. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natolive/what_is_nato.htm>

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s) *In*: VI Congresso SOPCOM, 6., 2009, Lisboa. Anais eletrônicos. [...] Lisboa, 2009 p. 01-10. Disponível em: <<https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>> Acesso em: 13 jan. 2025

PILLER, I. **Intercultural Communication: A Critical Introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017.

RAMOS, N. Comunicação, Cultura e Interculturalidade: para uma comunicação intercultural. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Lisboa, nº2, p. 155-178, 2001. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5839/1/Ramos%20%282001%29.%20Comunica%c3%a7%c3%a3o%20cultura%20e%20interculturalidade.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2024.

RANI, K. U. COMMUNICATION BARRIERS. **VEDA'S JOURNAL OF ENGLISH LANGUAGE AND LITERATURE (JOELL)**. V. 3, p. 74-76. 2016. Disponível em: <<https://joell.in/wp-content/uploads/2016/03/74-76COMMUNICATION-BARRIERS.pdf>> Acesso em: 07 dez. 2024

ROBBINS, S. **Organizational Behavior**. Nova Iorque: Prentice Hall, 2005.

RODRIGUES, M. A. F. V.; NERE, M. J.; DE SOUSA, A. D. A MEDIAÇÃO INTERNACIONAL DE CONFLITOS: PRINCÍPIOS INFORMATIVOS, CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL E EFICÁCIA. *In*: Semana do Direito, 16, 2023, Sobral. **Anais eletrônicos** [...] Sobral: Setor de Publicações, 2023. p. 1 - 6. Disponível em: <https://flucianoifeijao.com.br/flf/wp-content/uploads/2024/02/A_MEDIACAO_INTERNACIONAL_DE_CONFLITOS.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2024

ROSADO, C. **Toward a Definition of Multiculturalism**. Out. 1996. Disponível em: <<https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=a13f201a31c8485f2e013ba8bade9a8fa5e57b9d>> Acesso em: 12 fev. 2025

SAPIR, E. **Language: An Introduction to the Study of Speech**. New York: Harcourt Brace, 1921.

SECONDHAND. *In*: Cambridge Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press & Assessment. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/secondhand>> Acesso em: 25 abr. 2025

THOMAS, A. Intercultural Perception, Communication and Cooperation. *In*: KINAST, E. U.; SCHROLL-MACHL, S.; THOMAS, A. **Handbook of Intercultural Communication and Cooperation**. Oakville: Vandenhoeck & Ruprecht, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Programa Pedagógico do Curso. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017, p. 01-152. **Documento Institucional**. Disponível em: <https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/202410106375a36872722083f2611b62c/PPC-2017-atual_vrai.pdf> Acesso em: 28 mar. 2025

VASCONCELOS, J. E. et al. A MEDIAÇÃO INTERNACIONAL DE CONFLITOS: PRINCÍPIOS INFORMATIVOS E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL. *In*: Semana do Direito, 16, 2023, Sobral. **Anais eletrônicos** [...] Sobral: Setor de Publicações, 2023. p. 1 - 6. Disponível em: <https://flucianoifeijao.com.br/flf/wp-content/uploads/2024/02/A_MEDIACAO_INTERNACIONAL_DE_CONFLITOS.pdf>

content/uploads/2024/02/A_MEDIACAO_INTERNACIONAL_DE_CONFLITOS_PRIN
CIPIOS.pdf.> Acesso em: 05 dez. 2024